

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

FÁBIA FAGUNDES PACHECO

**LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS ESTRATÉGIAS DE
INTERAÇÃO ENTRE TEXTO E LEITOR NAS TURMAS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS-ES
2020**

FÁBIA FAGUNDES PACHECO

LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS ESTRATÉGIAS DE
INTERAÇÃO ENTRE TEXTO E LEITOR NAS TURMAS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciências Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jocciel Dias da Silva

SÃO MATEUS-ES
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

P116I

Pacheco, Fábيا Fagundes.

Leitura de histórias em quadrinhos e as estratégias de interação entre texto e leitor nas turmas do 7º ano do ensino fundamental / Fábيا Fagundes Pacheco – São Mateus - ES, 2020.

113 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof. Dr. Joccitel Dias da Silva.

1. Estratégias de leitura. 2. Quadrinhos. 3. Educação. 4. Leitura.
I. Silva, Joccitel Dias da. II. Título.

CDD: 372.4

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

FÁBIA FAGUNDES PACHECO

**LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS
ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO ENTRE TEXTO E LEITOR NAS
TURMAS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 15 de abril de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Jocitiel Dias da Silva
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Ailton Pereira Morila
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que me cobre de bênçãos sempre, e a todos que, direta ou indiretamente, puderam contribuir para a construção desta dissertação. Em especial à minha família e aos meus amigos, por todo auxílio, apoio e toda compreensão que foram dispensados a mim, durante os meses em que tive que me dedicar ao projeto para concluir este Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por me conceder o dom da vida e bênçãos como poder estudar e trabalhar com educação, especialmente para lidar com crianças.

Agradeço a todos os professores do curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, que lutaram por um ensino de qualidade.

Agradeço, em especial, ao meu esposo, aos meus familiares, por todo o carinho e toda a compreensão nos momentos de luta e de distância, sobretudo, já que em muitos casos tive que abrir mão de diversos momentos de lazer, diversão e comunhão com alguns deles para me dedicar a esta pesquisa.

O meu carinho também deixo registrado aqui como forma de agradecimento ao professor e doutor Jocctiel Dias da Silva, meu orientador, por toda a solidariedade e pelo companheirismo. Obrigada por compartilhar tantas experiências e tanto conhecimento nesse período em que pudemos trabalhar juntos na produção da minha dissertação.

Agradeço também à coorientadora Bartira Zanotelli Dias da Silva, e à jornalista e revisora, Priscilla Bittencourt, pela dedicação e por toda competência de ambas. Sem vocês eu não teria conseguido!

À Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy pela bolsa de estudos concedida para a realização desse mestrado.

A todos que de alguma forma tiveram a oportunidade de me apoiar. Sinceramente, o meu muito obrigada!

Aos colegas de curso, pelos trabalhos em conjunto, o que motivou e reafirmou nosso compromisso e responsabilidade como cidadãos ativos.

Aos sujeitos da pesquisa, que prontamente se dispuseram a colaborar com a atividade e compreenderam a importância deste estudo.

“[...] Desse modo, os quadrinhos envolvem e se dirigem aos seus leitores de forma direta. Aquele que une os requisitos e os fragmentos a serem inseridos na lacuna deixada nos quadrinhos, em última, análise, é o próprio leitor”.

Barbara Postema

RESUMO

PACHECO, FÁBIA FAGUNDES. **Leitura de Histórias em Quadrinhos e as estratégias de interação entre texto e leitor nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental**. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus – Espírito Santo, 2020.

Esta dissertação aborda sobre as estratégias de interação entre leitor e texto no processo da leitura de Histórias em Quadrinhos (HQs), na prática em sala de aula. A pesquisa teve caráter qualitativo pautado na pesquisa-ação, na versão de Barbier (2007) e Thiollent (2011), na qual a pesquisadora atuou como professora mediadora da compreensão leitora. A coleta de dados foi efetuada em uma escola da rede pública, localizada no Sul do Estado do Espírito Santo, com alunos do Ensino Fundamental II, nas turmas do 7º ano. O objetivo desta dissertação foi entender a importância das estratégias de interação na relação entre leitor e texto no processo da leitura de Histórias em Quadrinhos na prática da sala de aula. Para isso foi realizada uma oficina de leitura de HQs e aplicado um questionário. A análise do conteúdo coletado foi à luz de teóricos como Solé (1998), Kleiman (2000), Santos (2001), Lajolo (2004), Eisner (1999), Ramos e Vergueiro (2018), Postema, (2018), Cirne (2000) e Ramos (2009). E esses autores foram suporte para a produção de uma cartilha com oficinas de leitura de HQs. Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, optou-se por abordar a relação entre texto e leitor e aplicar as estratégias de leitura, com base na concepção de Solé (1998) e Kleiman (2012). As análises indicaram que as estratégias de leitura permitem ao discente posicionar-se de maneira efetiva e reflexiva para lidar com o texto e compreendê-lo. Tendo como pressuposto que as HQs possibilitam à criança conhecimentos sobre as linguagens visual e escrita, pesquisou-se, então, como ajudar os educandos a interagirem com o texto usando estratégias de leitura. Portanto, com base nos resultados encontrados, acredita-se que esta pesquisa contribui para que o educador crie situações de aprendizagem a partir do uso das HQs, ferramentas que contribuem para alcançar a autonomia leitora, bem como, corroboram para a compreensão de diferentes contextos, além de inúmeras linguagens e estratégias que podem ser exploradas pelo educando.

Palavras-chave: Estratégias de leitura. Quadrinhos. Educação. Leitura.

ABSTRACT

PACHECO, FÁBIA FAGUNDES. **Reading Comics and the strategies of interaction between text and reader in the 7th grade classes of Elementary School.** 2020. 113 f. Dissertation (Master's Degree) - Vale do Cricaré College, São Mateus - Espírito Santo, 2020.

This dissertation discusses the importance of the strategies of interaction between reader and text in the process of reading Comics in the classroom practice. The research had a quantitative and qualitative character based on action research, in the version of Barbier (2002 and 2007) and Thiollent (2007, 2009 and 2011); in which the researcher will act as a mediator teacher of reading comprehension. The data collection will be done in a public school, located in the south of the state of Espírito Santo, with elementary school students, in the 7th grade. The objective of this dissertation was to understand the importance of interaction strategies in the reader relationship. and text in the process of reading Comics in the classroom practice. And these authors will be the support for the analysis of later results and also for the production of a booklet with comic book reading workshops. Regarding the development of the research, it was decided to approach the relationship between text and reader, and to apply reading strategies, in the conception of Solé (1998) and Kleiman (2012). Analysis indicated that reading strategies allow students to position themselves effectively and reflexively to deal with and understand the text. Assuming that comic books enable children to learn about visual and written language, we then researched how to help students interact with the text using reading strategies. Therefore, based on the results found, it is believed that this research contributes to the educator to create learning situations from the use of comic books, these are tools that contribute to achieve reading autonomy, as well as corroborating the understanding of different contexts, as well as countless language and strategies that can be explored by the student.

Keywords: Reading strategies. Comics. Education. Reading.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégias não-lineares	27
Quadro 2 – Ações implementadoras	28
Quadro 3 – Leitor proficiente	30
Quadro 4 – Estratégias de leitura	31
Quadro 5 – Tipos de HQs que costuma ler	54
Quadro 6 – Critérios para escolher as HQs no ato da leitura	56
Quadro 7 – Faço uma revisão, com frequência, das leituras realizadas no dia a dia	57
Quadro 8 – Busco encontrar formas de melhorar a minha leitura estabelecendo objetivos claros	58
Quadro 9 – Avalio meu processo de leitura e estabeleço objetivos para mim mesmo no ato da leitura	59

LISTA DE SIGLAS

AEMc	Atividades Experimentais Metacognitivas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
HQs	Histórias em Quadrinhos
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IPL	Instituto Pró-Livro
LDB	Lei das Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPP	Projeto Político Pedagógico
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A LEITURA É UM PROCESSO DE INTERAÇÃO	21
2.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: APORTES PARA A LEITURA	25
2.1.1 Estratégias de leitura com propriedade e eficiência.....	29
2.1.2 A leitura de Histórias em Quadrinhos: ler se dá pela interação	32
2.2 ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS, O LEITOR E O SEU DESEMPENHO NA LEITURA	37
2.2.1 As Histórias em Quadrinhos e as estratégias metacognitivas no processo da leitura	39
2.3 REVISÃO DE LITERATURA.....	42
3 PERCURSO METODOLÓGICO	45
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EM QUE A PESQUISA FOI REALIZADA....	46
3.1.1 Análise e tratamentos dos dados coletados.....	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	52
4.1 ANÁLISE DA OFICINA DE LEITURA	59
4.1.1 Oficina de leitura de Histórias em Quadrinhos.....	61
4.2 PRODUTO FINAL	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	79
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCANDOS	80
APÊNDICE B – COMUNICADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS	82
APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS	83
APÊNDICE D – MAPA DE EVENTOS	84
APÊNDICE F – CARTILHA PARADIDÁTICA COM OFICINAS DE LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	90
ANEXOS	111
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DE PRESIDENTE KENNEDY	112

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA DA EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA	113
---	------------

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade essencial à vida, pois, saber ler significa tornar-se livre. Esta é fundamental à construção de conhecimento e mais, à própria vida no dia a dia (FREIRE, 1979). Portanto, esta dissertação se trata de um estudo que proporciona subsídios que auxiliem no processo da leitura de Histórias em Quadrinhos (HQs) e no que se refere à exploração das estratégias de leitura, trazendo a possibilidade de estudá-las sob a visão da interação entre o texto e o leitor (SOLÉ, 1989).

Nessa perspectiva, Siqueira e Freitas (2011, p. 196) descrevem que a leitura e a escrita são

[...] atividades iniciadas antes do processo de alfabetização, que continuam sendo desenvolvidas durante todo o ensino formal. Desde os primeiros contatos com o mundo letrado, o ser humano passa a fazer hipóteses sobre leitura e escrita, que serão confirmadas ou não em experiências futuras de letramento. Em um primeiro momento, o ensino da leitura e da escrita pressupõe codificação e decodificação de grafemas e fonemas. Porém, ler e escrever fluentemente pressupõe muito mais do que codificar e decodificar, exigindo que haja um trabalho consciente envolvendo habilidades cognitivas de leitura e escrita.

De acordo com a linha de pensamento de Barbosa (2004, p. 22), trata-se do fato de que as palavras e as imagens, quando trabalhadas em conjunto “[...] ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para agir”.

Já Rezende (2009, p. 126), por sua vez, discorre de forma mais abrangente sobre as HQs. Nas palavras da autora, elas são “obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor”.

Segundo esclarece Alves (2001, p. 6), é por meio da reprodução de

[...] contextos e valores culturais, [que] as histórias em quadrinhos oferecem oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre o mundo social. Porém, seja pelos assuntos veiculados, seja pela forma como os temas são tratados, as histórias em quadrinhos foram alvo de muitas críticas e, lê-las dentro das escolas, foi por muito tempo considerada uma atividade clandestina e sujeita a punições.

As estratégias de leitura serão descritas como um conjunto de processos que exercem um controle executivo, consciente, mediante a interação entre leitor e o texto

sobre os estágios da leitura, seja ela HQs ou outro gênero. Dentro dessa percepção de leitura, Kleiman (2016) relata que o leitor necessita ter controle consciente e ao realizar uma leitura.

Diante disso, observa-se que o leitor consciente é autônomo, interage com o texto, e as HQs são textos que exigem do leitor a proficiência e a postura leitora. Para Kleiman (2016) a leitura é um procedimento de produção particular a partir de um contexto. Isso significa que o leitor tem que fazer parte da completude do textual, pois é o leitor que garante o preenchimento das lacunas textuais, e essas lacunas são necessárias para que haja interação entre o texto e o leitor (SOLÉ, 1998).

Com base nessas informações, é possível concordar com a descrição de Nogueira (2007, p. 175) quando o autor esclarece que:

As HQ são capazes de promover a interdisciplinaridade entre os diversos conteúdos curriculares, ajudam a promover a prática da leitura, o teatro e a música, além de serem muito importantes no processo de alfabetização. Os alunos aprendem que estudar pode ser divertido e se tornam mais receptivos aos diversos conteúdos.

Vale destacar que na escola, a leitura dos quadrinhos deve ser praticada a partir do estabelecimento de objetivos do professor, partindo de uma série de ações, elencadas anteriormente, pois, a utilização das estratégias conduz o aluno a delegar propósitos para a compreensão do texto (NOGUEIRA, 2007).

As pesquisadoras Santos e Ganzarolli (2011), autoras do artigo “Histórias em Quadrinhos: formando leitores”, afirmam que os quadrinhos e os gibis são materiais valiosos e devem ser usados no ambiente escolar, principalmente no início da escolarização, pois são vistos como um recurso de incentivo à leitura e auxiliam no ensino.

Sendo assim, o educador deve levar em consideração as diferentes formas de pensar e enxergar o mundo, visto que cada pessoa inicia a leitura sob uma ótica própria e que a interpretação depende de como a mesma usa os conhecimentos Solé (1998). Nesse caso, o papel do professor é mediar, direcionar o foco de atenção para cumprir o que estabeleceu, previamente, para sua aula. Por isso, as HQs estão muito presentes no cotidiano escolar e na vida das pessoas. De acordo com a linha de pensamento de Luyten (1984, p. 84), a utilização das HQs nas salas de aula tem muito a oferecer, pois

No momento em que pais e pedagogos considerarem as histórias em quadrinhos como seus aliados, isso virá a possibilitar um número ilimitado de práticas a seu serviço. Os quadrinhos podem, de um lado, despertar manifestações artísticas e, de outro, ser um poderoso auxiliar em sala de aula e comunidades.

Sendo as HQs um gênero que foi classificado como a nona arte e que agrada 29% dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL), trata-se de uma forma de expressão vívida que impulsiona a ler e ler sempre. No exercício de interação entre HQs e leitor, a estratégia metacognitiva auxilia o leitor no planejamento do ato de ler, bem como no monitoramento e no emprego das demais estratégias de leitura (KLEIMAN, 2016).

Compreende-se que quando se põe em evidência as estratégias metacognitivas, uma série de processos contínuos são explorados, pois o leitor está exercendo “controle consciente sobre o próprio processo de compreensão”, monitorando e autocorrigindo as informações que chegam ao cérebro” (PEIXOTO; BRANDÃO; SANTOS, 2007).

A estratégia metacognitiva de leitura não se efetiva por meio de regras prontas, ela se faz presente no ato de ler e cada leitor pode desenvolver meios e estratégias pessoais para construir a própria interpretação (Kleiman, 2016). Assim sendo, se for considerada dispositivo, as HQs podem denotar uma interação social e textual diferenciada, pois o avanço da leitura depende de como se dá a interação texto/leitor e quais estratégias de leitura que este faz uso (SOLÉ, 1998).

Decerto, as HQs são um gênero textual que subverte o ato de ler, pois exigem muito mais que estratégias de leitura e habilidades linguísticas no processo de leitura, pois de acordo com Magnussen e Christiansen (2000) é preciso “coerência global”. As imagens despertam interesses e aguçam o senso crítico. Por meio das analogias feitas entre gestos, expressões e palavras, nasce a busca pelo sentido (CIRNE, 2000). Essa busca já é a estratégia de conferir se a predição está certa, ou se agora é preciso refutá-la (SOLÉ, 1998).

Alguns estudiosos defendem a ideia de que o leitor necessita ativar suas estratégias de leitura, utilizando conhecimentos anteriores sobre o assunto. Dessa forma, o mesmo será capaz de avaliar as próprias operações inconscientes de leitura, entendendo o texto, o que vai se aprimorando, à medida que é capaz de selecionar as melhores estratégias de reparo pessoal. Para fundamentar e justificar essa prática,

foram âncoras desta pesquisa colaborações e materiais de autores como Solé (1998), Kleiman (2000), Santos (2001) e Lajolo (2004).

Segundo relatos de alguns autores e pesquisadores como Ramos (2000 e 2009), Santos (2001), Cirne (1975 e 2000), Will Eisner (1999, 2001 e 2006) e outros, por meio dos quadrinhos o leitor tende a se tornar ativo, pois, interage com o texto, alia as informações escritas às visuais e constrói significados. Graças à bagagem cultural e aos conhecimentos adquiridos ao longo da própria experiência, ele consegue usar estratégias e aplicar as técnicas que possui para resolver os problemas advindos da falta de compreensão.

Conforme relata Kleiman (2016), o leitor que possui controle consciente e automonitoração da compreensão é capaz de avaliar suas operações inconscientes de leitura entendendo o texto como um todo. Para Lajolo (2000, p. 106), “cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando”.

Logo, trabalhar a leitura a partir do uso das HQs é visto como uma forma “harmoniosa” para o desenvolvimento de estratégias metacognitivas, pois exige muito mais que estratégias de leitura e habilidades linguísticas, é preciso saber acioná-las estrategicamente “[...] dentro de um processo sociocognitivo interacional”. Isso quer dizer que elas são monitoradas e coordenadas pelo processo metacognitivo (leitor coordenador) (KLEIMAN, 2016).

Observa-se que o aprimoramento no ensino da leitura ganha maior possibilidade de abrangência a partir da utilização das HQs. Em vista disso, tornou-se possível afirmar que cabe ao professor saber aproveitar a forma natural de ler dos alunos, para, aos poucos, inserir na prática deles algumas táticas que facilitarão o processo de decodificação-apreensão-compreensão-interpretação (VIANA, 2013).

Diante do cenário exposto, percebeu-se que ao realizar a referida inserção, o professor poderá propiciar a ativação de estratégias de leitura, o que permitirá aos alunos: o uso consciente delas; a possibilidade de atuar sobre o material lido; bem como o gerenciamento das informações e a sistematização dos próprios conhecimentos (SOLÉ, 1998).

Esta pesquisa ressalta como se pode dar a aplicação de estratégias no processo da leitura. Conforme Santos (2001) delinea e alguns autores descrevem, as HQs, além de seduzir o leitor, são responsáveis pelo contexto enunciativo, primam por desafiá-lo, até porque tem por objetivo inicial a inter-relação natural na narrativa,

na qual os personagens dialogam entre si e com o contexto socioreal, por meio de palavras, expressões faciais e corporais.

A relevância do tema se deve à necessidade de trabalhá-lo em sala de aula, que surgiu a partir da experiência profissional da autora desta dissertação, uma docente que atua no segmento do Ensino Fundamental, e possui a percepção do baixo rendimento do índice no campo da leitura, por isso é essencial mediar e capacitar leitores a ter autonomia.

A justificativa desta pesquisa se sustenta, porque por meio da mesma, busca-se descrever como se dá o processo de leitura e a aplicação de estratégias por parte do leitor, para o desenvolvimento que permita ampliar os aspectos críticos e reflexivos, por meio do conhecimento e do uso das estratégias de leitura e da interação entre texto e leitor.

Mediante ao exposto, o conteúdo e a realização desta dissertação se justificam pela necessidade e a importância do tema, bem como da interpretação ainda em construção no espaço educacional por meio da utilização da leitura de HQs e as estratégias de interação entre texto e leitor. O estudo foi sistematizado com a pretensão de contribuir e auxiliar na rotina de educadores e, em especial, dos professores do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”, unidade escolar da rede pública do município de Presidente Kennedy, situada no Sul do Estado do Espírito Santo.

A referida instituição foi escolhida para a realização desta pesquisa em virtude da afinidade e do contato, bem como do acesso da pesquisadora e autora desta dissertação à escola e aos dados referentes à instituição necessários para a pesquisa. Com isso, o uso das HQs poderá ser visto como uma nova opção de prática pedagógica para que esses professores e profissionais da Educação tenham mais uma possibilidade de trabalhar o ensino da leitura com os estudantes.

É válido destacar que em tempos nos quais se pode ver tanta tecnologia de fácil acesso e ao alcance das crianças, considera-se que essa inovação nas práticas pedagógicas utilizando as HQs se faz necessária nos dias de hoje, especialmente para alcançar e manter a atenção e o interesse dos alunos em sala de aula.

Portanto, para saber como os alunos processam a leitura e interagem diante do texto, fez-se a seguinte pergunta como problema da pesquisa: **Como explorar, no**

contexto escolar, a leitura de Histórias em Quadrinhos e as estratégias de interação entre texto e leitor?

Para melhor contextualizar esta pesquisa e compreender o processo da leitura e a relação entre texto e leitor, esta dissertação teve como objetivo geral: **Desenvolver ferramentas para estratégias de interação na relação entre texto e leitor no processo da leitura de HQs na prática em sala de aula.**

Então, com o intuito de alcançar o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- investigar o quantitativo de alunos que costumam ler HQs e quais critérios os mesmos usam para a escolha do texto no ato da leitura;
- estimular o deleite e a interatividade entre texto e leitor verificando a ampliação do uso de estratégias de leitura;
- avaliar as ações interacionais estabelecidas pelos alunos em contato com as HQs na sala de aula;
- produzir uma cartilha com o passo a passo para se fazer oficinas de leitura de HQs.

Observa-se que esta pesquisa contribuirá para que outros educadores planejem momentos para o ensino das estratégias de leitura com uso das HQs.

Na execução desta pesquisa, pretendeu-se adotar o método da pesquisa-ação, que envolveu a ação dos pesquisadores, nos mais diversos momentos da investigação, conforme recomendam Barbier (2002) e Thiollent (2011). Para isso, foram aplicados um questionário e uma oficina intitulada “Estratégias de leitura com tirinhas da Mafalda, personagem criada pelo autor argentino Quino”, nas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II da escola em que a pesquisa foi realizada.

O estudo foi constituído em cinco capítulos, no intuito de possibilitar um melhor entendimento do percurso investigativo, da seguinte forma: no capítulo 1, apresenta-se a introdução, em que foram retratadas a temática da pesquisa, o problema de investigação e os objetivos a serem alcançados com esse estudo, destacando a importância da leitura, bem como a interação leitor e texto e a contribuição das HQs enquanto gênero textual para aguçar e impulsionar o uso de estratégias de leitura e nível de leitura.

A partir do segundo capítulo está elencado o embasamento teórico da pesquisa, destacando uma revisão da literatura a respeito da temática, considerando a visão de autores e pesquisadores, tais como: Solé (1998); Kleiman (2000); Santos

(2001); Eisner (1999, 2001 e 2006); Ramos e Vergueiro (2018); Postema (2018) e outros que conceituaram os assuntos explorados para a constituição do estudo deste tema.

No terceiro capítulo está descrita a metodologia do trabalho, destacando o local da pesquisa, mostrando as informações e os recursos importantes para desenvolvê-la, além de tratar do público trabalhado por meio de uma oficina e avaliado por meio de um questionário, que foram aplicados para os discentes da escola em que a pesquisa foi realizada. Foram explicitados os métodos e os materiais utilizados para referenciar o estudo em pauta.

Já no quarto capítulo encontram-se expostos os resultados, ou seja, as análises que foram feitas com base na pesquisa sobre a leitura de HQs em sala de aula e as estratégias interacionais entre o texto e o leitor no processo da leitura. Isto quer dizer que será demonstrada a relação que se dá a partir do contato entre o conteúdo dos quadrinhos, o que se imprime dessa leitura, as hipóteses e a compreensão absorvida pelos alunos. Para tal, foram tabulados e analisados os dados obtidos por meio do questionário (APÊNDICE A) supracitado, bem como a reflexão e análise de uma oficina de quadrinhos, que a princípio será aplicada ao público-alvo.

E, na sequência, no quinto capítulo estão apresentadas as conclusões, as avaliações sobre o processo da leitura de quadrinhos e como ocorre a relação de interação entre o texto e o leitor, bem como a contribuição das HQs para aprimorar o nível do leitorado e, assim, reforçar a importância da leitura, das estratégias e dos quadrinhos na constituição do leitor proficiente.

Posteriormente, o produto final que consiste em uma cartilha paradidática (APÊNDICE F), com sugestões e o passo a passo para se aplicar oficinas de leitura de HQs em turmas do 7º Ano do Ensino Fundamental II. A mesma foi composta de oito (8) oficinas que poderão ser replicadas em sala de aula.

E, para finalizar, foram apresentadas as Considerações Finais sobre o tema, os dados, as informações e os resultados obtidos ao longo desta investigação. Estão também no corpo da pesquisa, os textos complementares, os apêndices e os anexos.

2 A LEITURA É UM PROCESSO DE INTERAÇÃO

Estão salientadas neste capítulo algumas discussões que permitem pensar sobre a importância da leitura e da inserção deste gênero, as HQs, como uma forma de integração no processo do uso de estratégias de leitura, bem com a relação texto/leitor.

Em consonância, alguns autores defendem que a leitura deve ser explorada de forma eficiente e a escola deve ser aliada na formação do leitor, para que se torne cada vez mais capaz, em vista disso, nota-se que é imprescindível permitir “[...] inferências cada vez mais elaboradas” (KLEIMAN, 2016, p. 78). Para que o aluno aprimore sua leitura, faz-se necessária a figura do professor, pois é este que propiciará situações de aprendizagem, além das que o aluno vivencia, no dia a dia, fora do contexto escolar.

Vivenciar a leitura é um processo que demanda foco, exige que o leitor tenha controle sobre a execução do ato. E isso requer concentração, ao mesmo passo que é necessário controle para voltar ao contexto textual, caso se perca durante a leitura. Um leitor sem foco pode não alcançar uma leitura significativa.

O conhecimento favorece na ampliação das produções, das ideias e das concepções. Com isso, os conhecimentos aliados às novas concepções, poderão construir novos referenciais e, conseqüentemente, estabelecer melhor um padrão de experiência social (SOLÉ, 1998).

Antes de iniciar a discussão de como ler HQs ativando as estratégias metacognitivas, faz-se necessário expor algumas considerações acerca da leitura. Essa leitura deve ser entendida aqui como um processo para alcançar, construir e/ou adquirir conhecimentos, tanto os tecnocientíficos quanto o conhecimento de si mesmo, do mundo e da realidade.

Segundo Freire (1989), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Com relação às implicações, nota-se que a leitura se inicia a partir do contexto social do leitor. Nessa perspectiva, vê-se que a maioria dos autores que trata da conceituação de leitura e aborda a importância de um leitor ativo (aquele que processa, examina e atua sobre o texto denotando sua interpretação) para a efetivação do ato de ler, que vai além da simples decodificação da escritura.

Solé (1998, p. 22) apresenta, de forma sintética, o que é a leitura. Para ela, a

Leitura é um processo de interação entre texto e leitor [...] neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura. É possível que a leitores com finalidades diferentes extraíam informações distintas do mesmo texto.

A autora deixa implícita a ideia de um leitor ativo ao referir-se sobre interação, visto que para ela trata-se de nada mais que o ato de atuar, de dialogar com o texto. E essa relação corresponde à necessidade de se comunicar com o exterior.

Em consonância tem-se o pensamento de Harvey e Goudivs (2008 apud SOUZA, 2010, p. 12-13) de que “leitores estratégicos utilizam seus pensamentos em uma conversa interior que os ajuda a criar sentido para o que leem, pois “[...] leitores tomam a palavra escrita e constroem significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências. O leitor é em parte, escritor”.

Segundo Lopez e Trapia (2016) a relação entre texto e leitor ocorre na interação, e esta, em suma, é a base interacional. A partir desse processo, o leitor relaciona a informação explícita, as deduções e as suposições do texto com aquelas que tem armazenadas em suas faculdades, e mediante esse entrelaçamento, faz inferências e estabelece conexão na leitura. E, assim, o leitor constrói o significado interagindo com o texto, ora ressignifica o contexto.

Nesse sentido, percebe-se que o ato de ler vai além do compreender, se torna um processo de construção de significados, provenientes da experiência advinda do contato prévio com outras leituras, como comprova Solé (1998, p. 23) ao ressaltar que: “Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias”. Tal afirmação aglutina-se a versão de Lopez e Trapia (2016).

Segundo explicam as autoras Siqueira e Freitas (2011), o ensino da leitura precisa ser estimulado e trabalhado com o público infantil e isso pode ser realizado utilizando recursos de fácil acesso. Assim, se permitirá que os profissionais envolvidos possam compartilhar e aplicar o prazer e a ludicidade, demonstrando para essas crianças, com exemplos práticos, que a leitura pode ser um hábito bom e saudável.

Sendo assim:

Como já se sabe, só se aprende a ler lendo e a escrever escrevendo. Não basta somente estar exposto à leitura para dominar a escrita alfabética. É necessário trabalhar com a leitura e a escrita a partir de bons textos e a partir de textos produzidos pelos próprios alunos. Esse trabalho deve envolver discussão sobre as peculiaridades e as arbitrariedades do código escrito e da estruturação de um texto. O professor deve fazer com que os alunos

reconheçam seus erros e procurem superá-los, tornando-se, assim, melhores escritores e melhores leitores (SIQUEIRA; FREITAS 2011, p. 208-209).

Desse modo, torna-se possível afirmar que de nada adianta ler convencionalmente, somente repetindo os sons das palavras. É preciso aliar o código à bagagem experiencial a fim de compreender o texto em toda a sua amplitude, seja de forma verbal ou não-verbal (SOLÉ, 1998).

Além disso, há que se considerar que existe outra implicação: satisfazer os objetivos é estabelecer finalidades para aquela leitura, pois sempre que se lê é para se conseguir algo, seja preencher um momento de lazer, procurar informação, buscar instruções para realizar uma tarefa, informar-se sobre assuntos específicos, tirar dúvidas, obter informações, confirmar ou refutar algum acontecimento (LAJOLO, 2004).

Tem-se ciência de que cada leitor possui objetivos diferenciados para a realização da leitura. E, geralmente, a dos quadrinhos é feita em busca de diversão, à procura de críticas ou mesmo pelo simples prazer de descobrir a mensagem implícita do conteúdo. Sobre esse aspecto, Barbosa (2004, p. 23) defende que os quadrinhos contribuem para o incentivo à leitura, pois

[...] auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura – a ideia preconcebida de que as histórias em quadrinhos colaboravam para afastar as crianças e jovens da leitura de outros materiais foi refutada por diversos estudos científicos. [...] Os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros.

Nesse sentido, percebe-se que toda leitura, mesmo que seja feita de maneira informal ou sem a exigência de uma outra pessoa, possui objetivos e são eles, justamente, que contribuem para a efetivação da interpretação. Também é importante lembrar e destacar que cada pessoa tem seus próprios propósitos de leitura (KLEIMAN, 2016).

Conforme descreve Solé (1998) a limitação por parte de alguns leitores é uma incógnita que precisa ser revista, pois muitos só conseguem lidar com tarefas muito básicas de leitura. Tudo isso, pelo fato de que não consegue compreender o quê, como, quando e por que ler, isto é, não se apropriam de um arsenal de estratégias que ajudam na interpretação, funcionando como mediadoras cada vez mais autônomas. O leitor precisa questionar a si mesmo e, no mesmo instante emitir respostas para as dúvidas e inquietações.

Dessa forma, mesmo quando um texto tem um conteúdo invariável, é possível que dois leitores, com expectativas e objetivos distintos, extraíam informações diferentes do mesmo. Esse motivo permite ressaltar a importância de se estabelecer finalidades para a leitura nas salas de aula, e, principalmente, a relevância e a necessidade de se estimular os alunos a traçarem seus próprios objetivos (SOLÉ, 1998).

Sabe-se, atualmente, que a leitura é uma atividade recheada de complexidades. E, em virtude disso, o processo de ler pressupõe o porquê e para que se lê algo, para então ocorrer o desenvolvimento de algumas habilidades, tais como: relacionar, interpretar os elementos do contexto e outros paralelos ao texto.

Autenticando esse conceito, Siqueira e Freitas (2011, p. 208) defendem que

Leitura e escrita são atividades que devem ser trabalhadas, exigem reflexão consciente sobre a organização e a estruturação. O professor deve ensinar o aluno a ler e interpretar, a redigir um texto coerente e coeso. Os alunos, especialmente aqueles que não vivem em um ambiente familiar letrado, necessitam aprender as funções e o funcionamento da leitura e da escrita. Aprender a ler e a escrever não é uma atividade puramente mecânica de registro e decodificação, mas envolve a interpretação, a coerência, a sequência de ideias, a organização de um texto. Isso, no entanto, pressupõe trabalho, caminho a trilhar, produção e instrução. O aluno deve desenvolver estratégias de leitura e escrita, buscar (re)construir o sentido dos textos que lê (leitura) e construir textos com sentido (escrita).

Assim, o educando aprende a opinar sobre conteúdos e ideias e assinará posições críticas, pois a leitura é o pilar para a formação do aluno consciente, agente do saber, responsável e, sobretudo, letrado e capaz de construir significados sobre o texto lido. Dessa forma, a leitura será entendida como o processo pelo qual um sujeito leitor atribui significado a um determinado texto.

A política brasileira de ensino prima por leitores que sejam capacitados a estabelecer a ligação entre o que leem ao que veem e ouvem, e que estejam habilitados a enxergar o que está além da simples decodificação de textos. Além disso, sabe-se que por meio da leitura as pessoas conseguem se transformar e modificar o meio em que vivem (SOLÉ, 1998).

Para Lajolo, (2000, p. 15) “[...] ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas”. Já Siqueira e Freitas (2011, p. 210) afirmam também que:

A leitura e a escrita, atualmente, parecem ser os pontos urgentes a serem efetivamente trabalhados nas escolas. Os professores do ensino fundamental e médio precisam estar preparados para acompanhar o desenvolvimento das

habilidades de leitura e escrita de seus alunos e dar-lhes suporte. Para isso, é necessário que esses profissionais estejam instrumentalizados para realizar um trabalho qualificado com a linguagem escrita.

Compreende-se que a leitura é eixo fundamental para sustentar a aprendizagem, o texto é o campo (espaço) que permite a interatividade, o leitor é o usuário-operador, age, atua e assume papel de coautoria do texto, uma vez que leitor e texto se imbricam (SOLÉ, 1987).

Tal certeza está explícita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que explanam o seguinte: “Atualmente, exige-se níveis de leitura e escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo - e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente [...]” (BRASIL, 1998, p. 23). Com isso, se tem cada vez mais certeza de que a leitura é essencial e fundamental à vida. Para Vygotsky (1987), o desenvolvimento intelectual se desenvolve a partir das interações sociais da vida e a leitura oportuniza compartilhamento.

Solé (2012) ressalta que um leitor ativo processa e examina o texto e, para isso, faz-se necessário que o mesmo se situe perante o texto.

Já Barbosa (2004, p. 23) explicita que a utilização de quadrinhos nas salas de aula auxilia a desenvolver o hábito da leitura, pois

A ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo.

A legitimidade da leitura se constitui entre texto e leitor. Ninguém nasce leitor ou letrado, constitui-se, faz-se como tal, sabe que competência é fruto de seleção prévia e ação leitora permanente. Por isso, a prática leitora deve ser constante, pois um leitor ativo processa e examina e, para isso, faz-se necessário que o mesmo se situe perante o texto.

2.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: APORTES PARA A LEITURA

No Brasil, a partir de uma prerrogativa da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, Lei nº 9394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados para subsidiar e orientar na elaboração e/ou reelaboração do currículo educacional, usado como eixo norteador à construção do Projeto Político Pedagógico

(PPP), da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com função corroborativa para a construção efetiva da cidadania do aluno; é um instrumento que norteia e ancora a educação do país.

Os PCNs, publicados no final do século XX, mais precisamente em 1997, pelo Ministério da Educação (MEC), são aportes, trata-se de diretrizes para nortear a aprendizagem de forma integral, com o intuito de sanar as deficiências no ensino e construir referências nacionais, comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.

No que se refere aos PCNs para a área de Língua Portuguesa o objetivo principal é o domínio da linguagem. E dentro disso está o ensino da leitura para o domínio de uma competência leitora. Logo, espera-se que o aluno esteja apto a realizar uma tomada de consciência ao final do Ensino Fundamental (BRASIL, 2001). A escola precisa formar leitores competentes. É primordial trabalhar com uma diversidade de textos e gêneros, não apenas em função da relevância social, mas, pelo fato de que textos de diferentes gêneros são organizados de diversas formas, ou seja, a leitura pauta-se no “letramento”.

Segundo os PCNs (2001), o leitor competente é capaz de compreender integralmente o que lê, faz uso de critério de avaliação-autoavaliação, bem como coordenar estratégias de decodificação com as de antecipação; produz inferência e elabora hipóteses, utilizando seu conhecimento prévio para resolver dúvidas na compreensão.

Para se tornar bom leitor o aluno precisa valer-se da leitura, não se limitar à decodificação; faz-se necessário ter procedimentos coordenativos à compreensão textual. Dessa forma, se ele antecipou ou inferiu uma informação, é de praxe averiguar se as antecipações e inferências se confirmam (BRASIL, 2001).

O leitor precisa ir além do nível explícito, tem de identificar elementos implícitos, bem como estabelecer relações entre os textos que lê e outros já conhecidos, atribuindo-lhes sentidos e ainda justificar e validar a própria leitura fazendo uso de estratégias de leitura de forma a atingir essa exigência.

Portanto, nos PCNs, a concepção de leitura é interacionista, isto é, trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 124).

Assim, esse documento estabelece algumas expectativas para o sucesso dos alunos leitores, ao final da educação básica, tais como: saber selecionar textos

segundo seu interesse e necessidade; ter autonomia leitora; agir delimitando um problema levantado durante a leitura e localizando as fontes de informação pertinentes para resolvê-lo; e que seja capaz de aderir ou recusar as posições ideológicas que reconheça nos textos que lê; emprego de estratégias não-lineares durante o processamento de leitura.

Quadro 1 – Estratégias não-lineares

Segundo Brasil (2001), é preciso:
I - formular hipóteses a respeito do conteúdo do texto, antes ou durante a leitura;
II - validar ou reformular as hipóteses levantadas a partir das novas informações obtidas durante o processo da leitura;
III - avançar ou retroceder durante a leitura em busca de informações esclarecedoras;
IV – construir sínteses parciais de partes do texto para poder prosseguir na leitura;
V - inferir o sentido de palavras a partir do contexto;

Fonte: Material elaborado durante a pesquisa (2019).

Todas essas ações compõem o bom leitor. A formação de um leitor proficiente é um dos principais objetivos do ensino. Por isso, é determinante o uso das diversas operações que ocorrem antes, durante e depois da leitura.

Em seus textos Solé (1998, p. 73-74) enfatiza que o ensino deve primar por ensinar o processamento de estratégias profícuas, que ajudem o educando a adotar uma postura de tomada de decisão mediante a revisão do texto, bem como a autointerrogação diante do que lê; que entenda os propósitos implícitos e explícitos da leitura.

No que se refere à leitura, o trecho a seguir retirado dos PCNs (BRASIL, 1998, p. 69-70) destaca a relação entre texto e leitor:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

O que frequentemente se observa, nesse sentido, é que apesar da problemática que envolve os trabalhos com leitura, ainda nos dias de hoje, não foi

alcançado um resultado satisfatório quanto ao rendimento e ao refinamento do processo leitor-texto-proficiência, mesmo após um inegável avanço na postura teórica adotada nos PCNs no que se refere à abordagem texto/leitor.

E, evidenciam-se como uma prova disso as estatísticas brasileiras dos órgãos governamentais. Estas, por sua vez, são resultado, ainda, de um ensino tradicional. Voltados para um ensino que não promove reflexão acerca das questões da linguagem, nem uma tentativa de fornecer ao aluno a competência textual que lhe possibilite transitar pelos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

A exemplo disso está o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (do inglês: *Programme for International Student Assessment - PISA*) que avaliou no ano 2000 que o Brasil só alcançou o trigésimo segundo (32º) lugar na área da leitura, quando concorria com 32 países. No ano de 2012 alcançou 410 pontos em leitura. A partir desse índice, um quadro é certo, a capacidade leitora necessita ser exercitada, redimensionada, corrigida, reprogramada, remodelada, impulsionada, valorizada, e, principalmente, motivada.

No ano de 2015 a proficiência leitora dos alunos brasileiros não atingiu uma meta satisfatória. Os resultados demonstraram que na avaliação o Brasil alcançou 407 pontos, valor inferior à média dos estudantes dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que foi de 493 pontos. Com esse resultado o Brasil ocupa a quinquagésima nona (59ª) posição entre os 70 países avaliados.

Os resultados mencionados permitem estabelecer um comparativo, entre os três anos, demonstra que a capacidade leitora precisa ser trabalhada. É preciso romper com o estereótipo do leitor passivo. Nas palavras de Kleiman (2016, p. 21), “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”.

Para Solé, (1998), é preciso estimular o indivíduo a ser responsável pelo seu próprio governo, capaz de autogerir-se e autoproduzir-se.

Quadro 2 – Ações implementadoras

Para a autora, o ensino nas escolas necessita de legitimidade, de ações implementadoras tais como:
I - formação continuada de professores;
II - elaboração de materiais didáticos, paradidáticos;
III - criar técnicas inovadoras de ensino;

Fonte: Material elaborado durante a pesquisa (2019).

E, a partir do contexto social, produzir coletivamente aulas mais interativas, passivas de serem revistas sob o olhar do grupo que as produz, seja autor ou coautor do conhecimento experienciado (SOLÉ, 1998).

2.1.1 Estratégias de leitura com propriedade e eficiência

O conhecimento das estratégias de leitura é de fundamental importância para o professor, pois, isso lhe permitirá melhor compreensão dos mecanismos acionados pela mente do leitor. Só assim esse profissional poderá auxiliar o aluno a ler com propriedade e eficiência.

Cabe, então, ao professor desempenhar a tarefa de orientar e guiar o aprendiz por esse novo mundo, de modo que este tenha consciência do trabalho a ser realizado. Sendo assim, ambos são responsáveis pelo sucesso ou não do processo, afinal, a “proposta interacionista” prega a participação efetiva na realização de tarefas e a divisão de responsabilidades entre mestre e aprendiz, logo este exerce um papel ativo enquanto cidadão leitor.

De acordo com Solé (2012, p. 72), na obra “Estratégias de Leitura”, é preciso refletir:

Por que é necessário ensinar estratégias de compreensão? Em síntese porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. Esses textos podem ser difíceis, por serem muito criativos ou por estarem mal escritos. De qualquer forma, como correspondem a uma grande variedade de objetivos, cabe esperar que sua estrutura também seja variada, assim como sua possibilidade de compreensão.

Segundo a autora, para ativar ou fomentar estratégias de leitura é preciso motivação e ensinamento, isto é, preparar o leitor para uma revisão do que leu, além de controle, tanto do que se lê, quanto de mais tomada de decisão assertiva para com o texto explorado.

Solé (2012) descreveu na obra supracitada algumas questões que aguçam a capacidade do leitor. Assim, ficará mais fácil e prático para melhor compreender o processo interacional entre texto e leitor.

As estratégias de leitura são processos cognitivos, conscientes ou inconscientes efetuados pelo leitor, que facilitam a compreensão da leitura, tornando-a mais ágil e eficaz. Diante disso, o professor pode explorar o cognitivo, levando os

alunos a se anteciparem perante o texto, seja estabelecendo objetivos, criando hipóteses ou mesmo prevendo acontecimentos. A partir desse ato, só restará fazer a verificação por meio do texto para confirmar ou refutar os pensamentos anteriores à leitura (SOLÉ, 1998).

É necessário que o leitor direcione e monitore sua leitura, um leitor agente. Por isso, faz-se necessário que o leitor ativo seja capaz.

Quadro 3 – Leitor proficiente

Leitor proficiente é aquele que direciona, confirma ou refuta o que entendeu no ato da leitura
1 - O leitor precisa compreender os propósitos nas entrelinhas do texto, sejam eles implícitos e explícitos na leitura. Por isso precisa estar atento a responder às perguntas: Que tenho que ler? Por que/para que tenho que lê-lo? Pois ele deve ser um autorregulador do processo.
2 - O leitor também precisa ativar e aportar à leitura aos conhecimentos prévios sobre o conteúdo textual. Que sei sobre o texto? Que outras informações localizam que possam me ajudar no que se refere sobre o texto e aos elementos que o compõem?
3 - Voltar a observação ao assunto fundamental, em detrimento ao que parece mais trivial, secundário. Está atento à informação essencial é necessário para conseguir o objetivo que se pretende com a leitura, além das informações relevantes por sua redundância, seu detalhe?
4 - Observar a consistência texto. O texto tem sentido? Os detalhes expressos no mesmo têm coerência, sentido? Tem lógica? Compreende-se o que quer transmitir? Que complexidade apresenta?
5 - Revisar e autoavaliar se a compreensão diante da recapitulação periódica e o questionamento. Que se deseja transmitir neste período ou parágrafo – subtítulo, capítulo? Qual a informação principal? Posso ressignificar os argumentos em foco? Como compreendo a ideia central? Consigo assimilar adequadamente as mesmas?
6 - Faço uso der inferências diversificadas, como: levantamento de hipóteses, previsões e conclusões além da intertextualidade diante das lacunas? Qual poderá ser o final da literatura? De que forma resolvo o problema exposto no texto durante a leitura? Estou, sou, ou estarei seguro para interagir com o texto, bem como, fazer inferências ou redimensioná-lo no contexto, se for o necessário?

Fonte: Material elaborado durante a pesquisa (2019).

Segundo Solé (2012) as estratégias de leitura possuem um elemento essencial, que é o fato de envolver a autorregulação, a supervisão, e a avaliação do próprio comportamento. Ela explica que esse processo envolve objetivos que modificam e repercute no comportamento e no ato do leitor, possibilitando ações assertivas para alcançar a meta que se pretende atingir. Dessa forma, o caráter da habilidade cognitiva, se relaciona à metacognição, ou seja, a capacidade de conhecer a si mesmo, a própria atuação, a ação planejada e, simultaneamente, coordenar e regular o intelecto conscientemente.

Para Kleiman (2012) o ato de ler, desde a habilidade de simplesmente traduzir sons de palavras isoladas até as habilidades de pensamentos cognitivos e metacognitivos, inclui, a capacidade de interpretar sequências de ideias ou conhecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas e, ainda, de fazer predições iniciais sobre o significado do texto.

Além disso, a autora acredita que não se pode esquecer da capacidade de construir o sentido, a compreensão e modificar as predições iniciais e, quando necessário, refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações pertinentes.

Para Solé (1998) as estratégias de leitura são muitas e estão presentes em toda e qualquer leitura. Mesmo que muitas vezes o leitor não perceba, faz o uso das mesmas e, por meio delas, consegue estabelecer significado para o que leu. Isso se dá tendo em vista que, conforme já mencionado, elas podem ser conscientes ou inconscientes. Muitas delas já foram citadas, mas vale elencar algumas das principais, como por exemplo: levantar conhecimentos prévios; estabelecer objetivos; criar hipóteses; fazer inferências; prever; reler; associar recursos visuais; conferir e várias outras.

Em outra obra a autora propõe que se

[...] reflita um pouco se essa consideração é adequada; considere que as estratégias de compreensão leitora [...] são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação é possível mudanças. Esta afirmação tem várias implicações, entre as quais vou salientar duas (SOLÉ, 2012, p. 70).

A autora supracitada questiona o porquê de se ensinar estratégias. E, ela destaca o papel das estratégias de leitura enquanto produto de três condições para sedimentar a leitura.

Quadro 4 – Estratégias de leitura

A importância das estratégias de leitura no desenvolvimento do leitor segundo Solé (2012)
I - Clareza , coerência textual e a “significatividade lógica”, impulsiona o leitor a galgar uma aprendizagem significativa, fruto de uma interação.
II - Ativamento do conhecimento prévio do leitor, uso do saber necessário aos vários contextos no âmbito da leitura.
III - Uso de estratégias que intensifique a compreensão leitora e a reavaliação, supervisão e autocontrole.

Fonte: Material elaborado durante a pesquisa (2019).

De acordo Kleiman (2012) o ensino de estratégias de compreensão se faz necessário para que os estudantes tenham instrumentos e também condições para desenvolver a leitura de forma proficiente. Nesse mesmo viés outra autora destaca: “[...] o ensino das estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender” (SOLÉ, 2012, p. 73). Por isso, é de suma importância promover a utilização de estratégias leitoras que possam permitir ao discente a autonomia leitora.

Para Solé (2012), as estratégias auxiliam o leitor a trilhar no contexto automaticamente ou conscientemente e, assim, ser capaz de solucionar e suprir as lacunas e sobressaltos durante o ato da leitura por meio da aplicação e uso de estratégias. Com isso, será possível: obter uma informação; seguir instruções; alcançar uma informação de caráter geral; aprender; para revisar um escrito próprio; ler por prazer; com intuito de compartilhar um texto; com o objetivo de verificar o que se compreendeu, visando ativar o conhecimento prévio; inferir previsões sobre o texto e para interagir com os porquês do texto, desta forma, podendo correlacioná-lo a outros contextos.

Diante dessa perspectiva, fazer uso de estratégias de leitura, eleva o leitor ao *status* de protagonista e gestor do saber, pois este é capaz de coordenar, produzir, interagir e, principalmente, construir saberes, resignificando conhecimentos num ato de interação, de tal modo, texto e leitor não se dissociam.

2.1.2 A leitura de Histórias em Quadrinhos: ler se dá pela interação

Segundo Santos (2001) a leitura de HQs se dá por meio de um conjunto de habilidades e conhecimentos que constituem um processo de relacionamento entre símbolos escritos e imagens. É também um processo de interpretação que relaciona informações visíveis e não visíveis. Fato este, que deve impulsionar o uso delas na sala de aula, permitindo uma melhora no nível de leitura, no sentido de aplicar as capacidades de inter-relação, interpretação, contextualização e intertextualização.

Desta forma, faz-se necessário refletir que na escola, a leitura dos quadrinhos deve ser praticada a partir do estabelecimento de objetivos do professor, partindo de uma série de ações, elencadas posteriormente, pois a utilização de estratégia conduz o aluno a delegar propósitos para compreensão do texto (ZILBERMAN, 1993).

O profissional deve levar em consideração as diferentes formas de pensar e enxergar o mundo, visto que cada pessoa inicia sua leitura sob uma ótica própria, isto é, a interpretação depende de como ela usa os conhecimentos. Nesse caso, o papel do professor é mediar e direcionar o foco de atenção para cumprir o que estabeleceu previamente para esta aula (ROXO, 2012).

Em conformidade com esse cenário está a abordagem de Rogoff (1998, p. 133), que traz a questão da apropriação participatória e diz respeito às questões:

[...] de como o desenvolvimento e o aprendizado ocorrem envolvendo uma perspectiva na qual as crianças e seus parceiros sociais são interdependentes, seus papéis são ativos e dinamicamente mutáveis, e os processos específicos pelos quais eles se comunicam e compartilham na tomada de decisões são a substância do desenvolvimento cognitivo.

Partindo desse pressuposto, Solé (2012) afirma que o ato de ler se dá pela interação, pela construção de significados, mas ressalta que o texto sozinho possui um sentido próprio. A autora lembra que ele permite outras interpretações, pois é preciso levar em consideração os conhecimentos que o leitor possui, e que também o conduzem a uma determinada forma de inter-relacionar informações. Isso quer dizer que o significado alcançado pelo leitor dificilmente será uma “cópia” ou uma “réplica” do sentido que o autor atribuiu ao texto dele quando o criou.

Sendo assim, com base no enfoque da autora, percebe-se que por meio dos quadrinhos o leitor tende a se tornar ativo, pois, interage com o texto, alia as informações escritas com as visuais e constrói significados. Graças à própria bagagem cultural e aos conhecimentos adquiridos ao longo da própria experiência, esse leitor consegue atribuir interpretações pessoais, muitas vezes até se distanciando do tema da tirinha.

Alguns autores e estudiosos reforçam que as HQs são um espaço plural com uma abordagem intersemiótica e, nesse sentido, explora-se um conjunto de elementos, que aliados permitem ao leitor promover uma proatividade gerando ação e atitude.

Segundo a pesquisadora Adriana Campos (2006) exemplifica na tese de doutorado dela, em que apresenta uma proposta intersemiótica no campo das diversas linguagens e códigos, é preciso realçar a importância dessa abordagem para a formação do leitor com habilidade para abstrair significados em múltiplos códigos, verbais e não-verbais, integrá-los, produzindo o sentido, que se estabelece por superação de significados parciais e compõem, assim, um mix de significados.

Conforme elucida Campos (2006, p. 192), o processo da leitura intersemiótica é um

[...] procedimento [que] é indutivo, parte da análise de fragmentos estilizados, em potencial, que aguardam, em suspenso, seu momento de ativação e realização intersemiótica. A interpretação se consoma, portanto, pela consolidação de etapas graduais e subsequentes de recolher estilhaços de sentido presentes nas diversas semióticas, compondo uma estrutura “semiósica”¹, lógica, que capta signos plurais e realiza uma ação, um movimento e mediação sígnica que se cumpre na transcodificação verbal.

A leitura demanda o uso de linguagens variadas, propõe filtrar e correlacionar os diferentes conectivos que estreitam a intersemiose na comunicação texto/leitor. Nessa perspectiva, de acordo com Eco (2014 apud SANTAELLA, 2012, acesso em 26 ago. 2019) toda linguagem, visual, escrita, falada, toda situação interacional, pode ser inserida nesse contexto, intersemiose, que é a transposição de determinado conteúdo estético para outro sistema de comunicação, interlocução e fica explícito nas HQs.

Compreende-se que a leitura é parte integrante da vida diária, por esse motivo a aquisição da mesma deve ser direcionada para seus usos e funções sociais. Dominar a leitura é ter acesso aos bens culturais, é descobrir outros mundos, fortalecer o processo de construção do saber, alcançar níveis elevados de pensamento e consciência crítica, ou seja, obter patamares mais altos na cultura letrada (LAJOLO, 2004).

Para se alcançar uma compreensão aguçada e regada de motivação, Barbosa (2006, p. 21) corrobora explanando que:

Há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles. [...] As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Percebe-se, portanto, que há uma relação amigável entre crianças, adolescentes e o gênero aqui discutido, bem como os pontos que o tornam atrativo a esse público. Ressalta-se, contudo, a não-linearidade de leitura oferecida pelas HQs como mais uma razão que justifica o interesse dos alunos ao estudá-las na escola. E, de acordo com Eisner (2006, p. 13), as HQs são como um veículo com um potencial expresso a partir de dois dispositivos, palavras e imagens, pois

¹ Estrutura “semiósica” é o estudo do processo de signo e do significado de comunicação, diz respeito da semiologia (ciência geral dos signos).

As histórias em quadrinhos são lidas com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. [...] Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo.

Quando os quadrinhos são explorados e incorporados ao cotidiano das aulas, simultaneamente, ao despertar do prazer pela História em Quadrinhos, existe uma revisão do modo de ver e praticar a leitura de livros literários - narrativas longas, mais complexas; porque a leitura de HQ favorece na compreensão de outros gêneros textuais (SANTOS, 2001).

Apesar de este não ser o foco desta dissertação, vale ressaltar que quando os textos são muito extensos, poucos leitores se dispõem a realizar a tarefa. E na escola não é diferente, pois, quanto menor e mais ilustrado for o texto, maior será o interesse por aquela leitura.

Uma pessoa pode não gostar de ficar horas sentada dedicando-se a leitura, mas quando surge a proposta de ler algo rapidamente, desde que seja engraçado, muitas são as chances de ela se apossar do material (BARBOSA, 2006).

Diante desse cenário, Fontes (2017, acesso em 10 set. 2019) esclarece que:

Os benefícios da história em quadrinhos para a educação, em particular no ensino fundamental e na alfabetização, são oficialmente reconhecidos. As HQs fazem parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que possibilita a professores e alunos o acesso a obras distribuídas em escolas públicas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também incentivam o uso de quadrinhos e indicam que nas bibliotecas é necessário que estejam à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros (livros de contos, romances, jornais, quadrinhos, entre outros). O PCN lista ainda a HQ como um gênero adequado para o trabalho com a linguagem escrita.

Sendo assim, aproveitando-se da rapidez que é característica do gênero (quadrinhos, gibis, tirinhas, mangás etc) e do caráter atrativo das HQs, a escola pode utilizá-las como uma ferramenta de “porta de entrada” para o mundo da leitura, haja visto que se desde cedo uma criança for bem estimulada, levará consigo o prazer e a constante de mais conhecimentos que a leitura possa lhe proporcionar.

Nota-se que esse trabalho pode ser iniciado com um gênero, e, aos poucos, o gosto pela leitura vai se ampliando, de modo que outras tipologias vão sendo inseridas no leque de textos cotidianos, até que o hábito de ler se torne parte vital daquela pessoa.

Para a autora Bari (2008, p. 109, acesso em 22 set. 2019), a

[...] nova conceituação e compreensão da leitura, na qual estão inseridas premissas como a acessibilidade, as habilidades e competências, o prazer, a apropriação e uso livre das informações. Traz o entendimento mais claro da importância do letramento, como situação que compreende uma relação ideal entre o leitor e as leituras. A diversificação das leituras democratiza e oportuniza a comunidade o acesso à leitura por diferentes caminhos, que cada indivíduo vai trilhar em conformidade com a sua idiossincrasia, seja por uma obra clássica da literatura, seja por um álbum de histórias em quadrinhos, seja por um periódico digital, com menor direcionamento e controle do comportamento e mais ênfase nas mediações estabelecidas no processo de leitura.

Nesse sentido, o trabalho com HQs acarreta o interesse por outras leituras, porque, em geral, existe um estímulo pela leitura em sua amplitude, englobando vários gêneros e tipologias textuais (CAGNIM, 2015).

As crianças, em geral, possuem uma certa necessidade de adquirir conhecimentos, aprender coisas novas e as HQ vão ao encontro desses anseios oferecendo-lhes informações, humor, desafios, espaço para interagir. Em contato com elas o leitor é induzido pelas falas e imagens a construir suas habilidades de leitura e a mergulhar no emaranhado quadrinizado para abstrair as informações não-visíveis nele presentes (CIRNE, 2000).

A história em quadrinhos, além de seduzir o leitor, é responsável pelo contexto enunciativo, prima por desafiá-los, até porque tem por objetivo inicial a inter-relação natural na narrativa, na qual os personagens dialogam entre si e com o contexto “sócio-real”² [sic], por meio de palavras, expressões faciais e corporais (CAGNIN, 2015).

Assim, de posse das transmissões oferecidas pelos quadrinhos, o leitor infiltra-se no contexto enunciativo, atribui significado e percebe o sentido que os quadrinhos são ao mundo sociopolítico (DJOTA, 2006).

Zilberman (1993) descreve que o aprimoramento do ensino da leitura exige a participação efetiva do aluno nas mais variadas situações ou atividades escolares. Isso se dá porque o processo de aprendizagem dessa leitura envolve todas as atividades simultaneamente, pois, nessa perspectiva, há uma abrangência do ato de ler, muito além da simples decodificação de palavras, mas a interpretação que se dá após o uso de conhecimentos previamente adquiridos, o levantamento de hipóteses, objetivos e outras.

² Que tem simultaneamente, aspectos e elementos de cunho social e real, no sentido de letrar-se, ou seja, um cidadão leitor participativo.

2.2 ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS, O LEITOR E O SEU DESEMPENHO NA LEITURA

A relação metacognição e leitura é tangível, pois são indissociáveis e complementares. O termo metacognição é considerado novo dentre os estudos que rondam o processo de leitura. Apontada pela psicolinguística, a metacognição é um conjunto de estratégias de leitura, já mencionado anteriormente, responsável pela organização e o processamento dos elementos constitutivos, bem como pela interpretação (KLEIMAN, 2016).

Conforme supracitado, percebe-se que a compreensão leitora se dá por meio de um processo “consciente”, que segundo Solé (1998) se constitui em focar no processo interativo para, assim, alcançar o conteúdo exposto no texto de maneira eficiente. Isso quer dizer que o leitor possui capacidades específicas para a realização do ato, tendo em vista que consegue avaliar e monitorar a compreensão do que leu (SOLÉ, 1998).

Vale reforçar que essas estratégias metacognitivas da leitura são realizadas de forma consciente, sendo responsáveis pelo monitoramento cognitivo e o autorregulamento das atividades mentais em cada etapa do processo de aquisição de informações. É, na verdade, a arte de conceber operações “[...] sobre as quais temos controle consciente” (KLEIMAN, 2016, p. 74).

A autora complementa que tais operações contribuem nos processos de coordenar, de monitorar o leitor quanto ao desempenho dele na leitura. E, também, auxilia na possibilidade de aplicar as técnicas por ele (leitor) possuídas para resolver os problemas advindos da falta de compreensão; “[...] o leitor proficiente se autoimpõe” (KLEIMAN, 2016, p. 77).

E, nesse sentido, Kleiman (2002, p. 50) afirma que “[...] as estratégias metacognitivas seriam aquelas operações (não regras), realizadas com objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente, no sentido de sermos capazes de dizer e explicar a nossa ação”.

Desse modo, nota-se que a estratégia metacognitiva é o conhecimento de todas as operações mentais desenvolvidas durante a leitura, por meio de um processo consciente de correção, que se processa, na verdade, a partir de percepção, atenção, compreensão e interação com o texto.

Kleiman (2002, p. 50) adentra a questão das operações necessárias à atuação da metacognição. Para a autora,

[...] se concordamos com autores que dizem que as estratégias metacognitivas da leitura são, primeiro, autoavaliação constante a própria compreensão, e segundo, determinar o objetivo para a leitura, devemos entender que o leitor que tem controle consciente sobre essas duas operações saberá dizer quando ele não está entendendo um texto e saberá dizer para que ele está lendo um texto.

Por conseguinte, compreende-se que o processo de leitura requer o envolvimento do leitor de maneira direta e comprometida, pois, a atuação dele sobre o texto vai determinar se houve o entendimento do conteúdo e se atingiu os próprios objetivos para aquela leitura.

O fato de atribuir significados e estabelecer objetivos para a leitura a ser feita, está relacionado ao fazer metacognitivo, visto que para realização dos dois, é preciso ativar o cérebro, a fim de repensar os conhecimentos anteriores sobre o assunto. De acordo com Smith (1989, p. 39) o termo metacognição representa “[...] literalmente cognição sobre cognição, ou pensamento acerca dos nossos próprios pensamentos”. Isso implica dizer que pensar sobre os próprios pensamentos nada mais é que conseguir fazer uma autoavaliação.

Sabe-se que o leitor proficiente, aquele capaz de ler nas entrelinhas, consegue manter um controle sobre as próprias ações, percebe quando algo está dando errado e é capaz de decidir qual atitude tomar nesse caso. O autocontrole pode ser ilustrado quando se observa as atitudes de um leitor ao se defrontar com problemas no decorrer da leitura (KLEIMAN, 2016).

De acordo com a linha de pensamento de Solé (1998) ao perceber que a própria atenção foi desviada para outro foco, simultaneamente, ao se dar conta de sua distração, o leitor concentra-se novamente e reinicia a leitura em algum ponto que permita a religação do assunto, a fim de captar todas as informações, sem que nenhuma se perca.

Um ponto determinante para a efetivação de uma leitura proficiente é saber usar o que se lê com os olhos, de modo que essa superficialidade se aprofunde a partir do uso de estratégias metacognitivas. Essas, por sua vez, coordenarão diretamente o processo de interpretação. A respeito disso, Bari (2008, p. 130, acesso em 22 set. 2019) elucida que as

[...] histórias em quadrinhos oferecem, pelas características midiáticas e lingüísticas [sic], oportunidades de leitura para todos. Atraentes, expressivas, agradáveis, elas são atraentes para o leitor novato, assim como para o proficiente, estabelecendo a desejável convivência com a leitura que gera a apropriação, o hábito e, finalmente, o prazer. O seu potencial informacional também está a [sic] disposição da escolarização, e ainda não se conhece seu limite na formação de uma postura pró-ativa [sic] do estudante na busca do conhecimento [...].

Em concordância Kleiman (2016) acredita que dessa forma, o leitor que possui controle consciente, automonitoração da compreensão, é capaz de avaliar suas operações inconscientes de leitura entendendo o texto como um todo. Por outro ângulo, as estratégias metacognitivas aprimoram e desenvolvem habilidades subjacentes ao automatismo cognitivo, que consiste em procedimentos para os quais o leitor não detém reflexão nem controle consciente.

A metacognição pode ser definida como um conjunto de recursos aplicáveis aos quais se pode empreender ações táticas, caracterizadas pelo direcionamento planejado e deliberado dos exercícios mentais que levam à compreensão. A tarefa de aplicar tais exercícios para resolver situações problema é um treinamento efetivo e, à medida que, são exercitados, aprimoram táticas (KLEIMAN, 2016).

Assim sendo, de acordo com a concepção de Solé (1998) o que se percebe é que as estratégias metacognitivas vão se aprimorando à medida que os leitores são capazes de selecionar as melhores estratégias de reparo textual. E conseguem, com instrução, observar e monitorar as informações que estão sendo adquiridas por meio do texto.

2.2.1 As Histórias em Quadrinhos e as estratégias metacognitivas no processo da leitura

Conforme descreve Postema (2018), as HQs são acionadoras de estratégias metacognitivas porque se trata de um gênero textual que subverte o ato de ler, já que o leitor precisa preencher lacunas deixadas pelo texto, e tão logo tem que procurar pelo “significado” transmitido.

Compreende-se, portanto, que é o gênero exige muito mais que estratégias de leitura e habilidades linguísticas, pois é preciso saber acioná-las estrategicamente. Isso quer dizer que elas são monitoradas e coordenadas pelo processo metacognitivo (KLEIMAN, 2016).

Nas palavras de Santos (2001) observa-se que a forma estética dos quadrinhos gera, imediatamente ao instante que o olhar toca o texto, a curiosidade em saber o que ali está sendo tratado. Isso se dá porque as imagens despertam o interesse do leitor, mas sozinhas não permitem a compreensão do texto. Então, ele sente a necessidade de ler os escritos, relacioná-los com as imagens e conferir se o seu pensamento estava de acordo com a mensagem transmitida.

No simples fato de querer ler a história já estão implícitas algumas das estratégias discutidas, como por exemplo o estabelecimento dos objetivos (ler para sanar a curiosidade) e o ativamento dos conhecimentos prévios. Por meio das analogias feitas entre gestos/expressões e palavras nasce a busca pelo sentido. Essa busca já é a estratégia de conferir se a predição estava certa, ou se agora é preciso refutá-la (SOLÉ, 1998).

De igual maneira, é válido destacar aqui que a heterogeneidade de assuntos tratados e a riqueza linguística trazida pelas HQs possibilitam o ativamento de várias atividades. Kleiman (2016) destaca que dentre algumas encontra-se o relacionar fatos ao contexto social, o perceber intencionalidades que se referem a determinados assuntos, a seleção do segmento mais importante dentro do tema e a análise da linguagem a fim de elencar informações implícitas.

Diante dos elementos estruturais e linguísticos, cabe ao leitor se apoderar das informações que ficam submersas e adicioná-las ao agrupamento de quadros a serem sequenciados. Isso demanda um gerenciamento maior por parte do leitor, de modo a preencher as lacunas e reconstruir o fluxo narrativo em busca da completude semântica do texto (POSTEMA, 2018).

Para Lajolo, (2000, p. 73) é responsabilidade do professor “[...] o planejamento das atividades de leitura em que vai engajar-se com sua classe”. Cabe, pois a escola rever as estratégias usadas durante as aulas de leitura.

Segundo Cirne, (2000, p. 25) “E os quadrinhos, [...] mais que a televisão, investe na possibilidade de uma leitura radical”. Essa leitura pode impulsionar o leitor a redimensionar sua práxis leitora, logo sua postura será de um ser agente.

Deste modo, para que a aula de leitura aconteça de forma significativa, a relação professor-aluno é primordial, pois para alcançar uma perspectiva interativa o leitor precisa ter controle sobre as estratégias e as possibilidades de explorá-las, aprimorando e/ou propiciando as condições de aquisição da leitura. De acordo com

Kleiman (2016) tal pressuposto enfatiza a necessidade de utilização da metacognição na práxis pedagógica de quem ensina.

A autora acredita também que com isso, vale reafirmar que muitas estratégias se dão inconscientemente. Mas, o professor precisa conhecê-las para intervir junto ao aluno, pondo em prática o processo metacognitivo, agindo diretamente no ponto de reflexão acerca das informações obtidas, com o intuito de sistematizá-las (KLEIMAN, 1998).

A metacognição não se efetiva por meio de regras prontas, ela se presentifica no ato de ler. E cada leitor, pode desenvolver meios/estratégias pessoais para construir a própria interpretação enfatiza Kleiman (2016).

De acordo com a linha de raciocínio de Barreto (2007, p. 46) as HQs são capazes de aprofundar a experiência leitora, já que tratam também do quesito de contextualização. A autora afirma que a relação entre leitura e leitor se dá, tendo em vista que, por

[...] ser transitória e possuir natureza afetiva, a imagem dimensiona a relação do texto/leitor fornecendo dados sobre o grau de interpretação da subjetividade do leitor na representação da imagem e desta sobre o leitor que, nesse sentido, está sendo afetado por uma representação que presentifica algo ausente. É a experiência da irrealização durante a leitura. Durante o processo de leitura isola-se, por um período indeterminado, do mundo real; somente depois que a leitura acaba, o leitor vê-se despertado para o mundo real, o que configura uma fuga, propriamente dita, da realidade, mas sem a possibilidade de descobrir um mundo como uma realidade passível de ser observada. Desse modo, o sentido produzido no texto pode tornar-se experiência, pois nele mesclam-se sujeito e objeto.

Dessa forma, nos primeiros contatos com os quadrinhos, o leitor pode deixar de observar a função de certos aspectos linguísticos, porque seu conhecimento sobre a intencionalidade não é mobilizado para a tarefa de leitura.

Entretanto, se o leitor for orientado a pensar no contexto em que os quadrinhos foram produzidos, quem era o leitor previsto e a intenção que está por trás desse gênero textual, então, a leitura deixará de ser uma análise de palavras e passará a ser um contexto interativo de apreensões, e assim, levar à reflexão (CIRNE, 2000).

Observa-se que quando se evidencia as estratégias metacognitivas, uma série de processos contínuos são explorados, porque o leitor está exercendo controle consciente sobre seu próprio processo de compreensão, monitorando e autocorrigindo as informações que chegam a seu cérebro.

Em conformidade com os pensamentos de Scliar-Cabral (1991) são inúmeras as problematizações provocadas pelos questionamentos que se operam a partir da estruturalidade econômica e ideológica dos quadrinhos.

Segundo evidencia a autora, o leitor de HQs precisa viajar para dentro da história para que a interação tenha início nas predições que se formam no momento em que se visualiza e fica inteirado de todo o contexto.

Na opinião da linguista,

[...] os participantes da comunicação precisam ter: a competência pragmática, pois uma mesma estrutura linguística dependendo do contexto interacional, poderá cobrir intenções diferentes (persuadir, pedir, informações e etc), sendo assim a recíproca verdadeira. Para uma pessoa interagir adequadamente, deverá captar a interação do interlocutor e este, por seu turno, terá que usar as convenções que permitam a sua identificação (SCLIAR-CABRAL, 1991, p. 66).

Conforme explanado pelo articulista Scliar-Cabral (1991), o leitor deve se apoderar das competências, são elas que vão contribuir para que se estabeleça a interação entre texto e leitor no ato da leitura. Já para Vergueiro (2004) a relação entre leitor e leitura, bem como entre a teoria e as práticas pedagógicas,

[...] ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica, serem encaradas em sua perspectiva narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva. Isto também, é claro, favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas.

Dessa forma, a interatividade possibilita uma leitura significativa construída pelo próprio leitor. Afinal, o mesmo quando em contato com os quadrinhos não visualiza apenas o texto que está a sua frente, mas, sim, constrói um novo texto a partir daquele que foi base para a criação de múltiplas mensagens aplicáveis ao mundo da leitura.

2.3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura vai ao encontro do tema proposto para confirmar as proposições exploradas a partir de autores e experiências já oficializadas bem como o que se pretende por meio deste projeto. Ela se constrói a partir de pesquisas que estabelecem uma conexão ao tema deste projeto, para isso busca-se observar o que há de pertinente entre as dissertações de mestrado, teses de doutorado e o tema, as palavras-chave, os objetivos.

Após seleção e leitura foi realizada a revisão de literatura e a sintetização dos textos. Os estudos são trabalhos que foram desenvolvidos para oferecer subsídios para uma práxis em sala de aula. Foram observados em cada: autor; local em que a pesquisa foi realizada; ano; título; objetivos; referencial teórico; metodologia; e também conclusões.

Como o tema das HQs na sala de aula é amplo e ainda está em plena construção, cada pesquisa analisada e mencionada aqui estabelece uma conexão com o tema desta pesquisa.

O estudo “Histórias em Quadrinhos – gênero literário e material pedagógico-Maurício de Souza em foco” é uma pesquisa desenvolvida por Luciana Begatini Ramos Silvério junto na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2012. Por meio deste destaca as contrições do gênero HQs na formação do leito como um material literário e pedagógico no contexto escolar. A pesquisa foi aplicada no município de Primeiro de Maio, ao norte do Estado do Paraná com alunos do 6º ao 9º anos e professores que lecionam Língua Portuguesa. Foram coletados dados por meio de questionários. As respostas obtidas na pesquisa foram organizadas em quadros, descritos e comentados com base em obras de autores que tratam das temáticas abordadas: Freire (1996), Kleiman (2004), Zilberman (1991), Bogdan e Biklen (1994), entre outros. Foi diagnosticado que grande parte dos alunos aprecia as HQs como obras que auxiliam na motivação para ler.

A dissertação “Literatura e História em Quadrinhos (HQ) na Educação Básica” foi desenvolvida por Wanderley Alves dos Santos em 2015. A pesquisa foca que na literatura – assim como outras expressões de arte – conforme descreveu Candido (2010), o texto é para invocar o leitor para um deleite. A pesquisa buscou investigar e propor o diálogo interdisciplinar entre literatura, especialmente a considerada clássica, e artes, na forma de Histórias em Quadrinhos (HQs). Alguns teóricos foram recorridos, como: Soares (2010), Eco (2014), Santaella (2012), Barbosa (2005), (2010), Street (2010), Eisner (2001), entre outros. Esta pesquisa traz um projeto de leitura envolvendo o romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, e duas versões da mesma obra na linguagem das HQs, desenvolvido com estudantes de Ensino Médio. A referida produção, em formato de revista de HQs, está incluída como apêndice no trabalho. E configura-se como produto uma sequência didática da pesquisa.

“A Nona Arte: História, Estética e Linguagem de Quadrinhos” é uma dissertação de Fábio Ballmann, em 2009. A pesquisa fomenta a discussão sobre a arte em

quadrinhos, a partir de um estudo sobre a história, a estética e os aspectos constitutivos desse gênero. A escolha do tema deu-se em virtude das histórias em quadrinhos serem manifestações artísticas, que perpassam as mais diversas culturas, civilizações e tempos. A pesquisa contribuiu para gerar reflexões sobre conceitos de arte e estética, visando avaliar a produção artística investigada a partir dos pressupostos teóricos. Produziu-se a elaboração de análise, a partir do que se denominou “quadrinhística” um gênero de quadrinhos em especial, o gênero de super-heróis, a saga intitulada de Guerra Civil (Civil War). Em relação a metodologia desenvolvida teve como aporte teórico os pressupostos da pesquisa bibliográfica. Foram usados livros, revistas e artigos sobre o tema. As palavras-chave da pesquisa foram: quadrinhos, arte, análise e linguagem.

A pesquisa ‘Histórias em Quadrinhos & Ensino de Literatura: por um projeto de formação de leitores menos “quadrados”’, de Vinicius da Silva Rodrigues, foi desenvolvida em 2013 com uma ótica de pensar as HQs no âmbito escolar. Esta pesquisa traz uma reflexão como essa à tona, a partir da qual é possível enxergar a arte sequencial e a arte literária lado a lado. De acordo com o estudo é importante aprimorar a prática e a formação leitora, pois dessa forma se alcança protagonismo e letramento. As palavras-chave que compõem a pesquisa são: ensino de literatura, histórias em quadrinhos, leitura e formação de leitores. A dissertação ancora-se nas concepções de Umberto Eco (1998), Pierre Bourdieu (2011), Tereza Colomer (2007), Wolfgang Iser (1979), António Branco (2008), Thierry Groensteen (2004), Will Eisner (1999 e 2004), Scott McCloud (2005), Santiago García (2012), Paulo Ramos (2009) e Rildo Cosson (2006), além de outras.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Em relação à proposta do método de pesquisa, um fator preponderante foi a interação entre os participantes e a execução da pesquisa. Conforme as orientações de Barbier (2007), pautado no método inspirado no trabalho do psicólogo alemão Kurt Lewin, em que apresenta cada etapa do caminho para a realização da pesquisa-ação em fases. E estas, por sua vez, se apresentam em forma de espiral, com planejamento, ação, observação e de reflexão, depois ocorre uma reavaliação da experiência em curso para galgar a coerência nas diferentes etapas da pesquisa-ação.

As discussões teóricas são subsídios, aportes que servem de orientação e suporte. Elas são responsáveis por definir conceitos que, embora, tenham-se como certos, cabais, alicerçados, muitas vezes pelas experiências e as práticas vivenciadas no cotidiano, mas, que sob a luz dos teóricos e da pesquisa-ação acabam por mostrarem, em determinados casos, que se não forem fundamentadas teoricamente, por consequência, não são comprovadas via experiência (BARBIER, 2007).

No entanto, Barbier (2007, p. 117), também fundamenta que “[...] o espírito mesmo da pesquisa-ação consiste em uma abordagem em espiral que a todas utiliza. Significa que todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação”.

O autor supracitado considera que pesquisa-ação vai além da investigação, da coleta de dados, pois, fundamenta-se no uso de múltiplas técnicas de implicações quando se recorre a uma sustentação teórica e vice-versa, especialmente, considerando que essa articulação dá suporte de legalidade e veracidade.

Isto é, nas palavras do articulista a constatação da realidade pesquisada em consonância com o que se tem de literatura com discussões da temática abordada, o rigor repousa na coerência lógica e no *feedback* entre os interlocutores. O exame dos dados busca redefinir a problemática e a gerar ações alternativas.

Em relação à delimitação da pesquisa, a mesma enquadra-se no método qualitativo somado a um levantamento quantitativo e, em relação aos objetivos da investigação, esta dissertação teve caráter de pesquisa-ação. Em relação aos procedimentos da pesquisa o estudo encontra-se incluso na pesquisa-ação descrita por Barbier (2007) e Thiollent (2009).

Para a resolução do problema de investigação a pesquisa de campo foi realizada com estudantes do Ensino Fundamental II, de uma escola localizada em um município no Sul do Espírito Santo. Os sujeitos da pesquisa foram aproximadamente 70 alunos do 7º ano das turmas aqui designadas como A, B C e D.

O critério para escolher as turmas para esta pesquisa colaborativa foi mediante ao interesse que estes estudantes demonstraram em participar. Os sujeitos da pesquisa estão inseridos no meio rural, em sua maioria são provenientes de famílias de baixo poder aquisitivo.

Em relação à delimitação do tema selecionado para ter maior aprofundamento, delimitou-se a práxis da leitura de quadrinhos dentro do paradigma da visão crítica realizada em espaço educativo formal.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola polo, instituição que está localizada em um município no Sul do Espírito Santo. Situada a aproximadamente a 159 km da capital, Vitória, a cidade possui uma área de 586 km², e é considerada a que mais investe recursos em educação.

De acordo com as informações publicadas no portal da prefeitura local, o município é o terceiro mais bem avaliado no Estado, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Os dados divulgados pelo MEC, em 2013 e 2015 demonstram que a cidade é avaliada como o município que mais investe em educação por aluno em todo o Espírito Santo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EM QUE A PESQUISA FOI REALIZADA

O município de Presidente Kennedy (ES) é composto por vinte seis comunidades rurais, e a escola eleita para a realização desta pesquisa foi a EMEIEF “Bery Barreto de Araújo”. A unidade escolar foi inaugurada em maio de 2006, compreende as modalidades Infantil, Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No total, a instituição concluiu o ano de 2019 com 46 educadores atuantes na Educação Infantil, no Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e na EJA.

A unidade escolar, iniciou-se em um pequeno galpão, localizado no centro da comunidade, tinha poucos alunos, mas estes frequentavam assiduamente a escola. Tinha o nome de "Escola Singular de Jaqueira", isso no ano de 1957, o município ainda era distrito de Itapemirim, no ano de 1964, com a emancipação de Presidente Kennedy a escola sofreu várias mudanças em seu nome, como "Escola Singular

Muribeca", isso porque a comunidade se localiza próxima ao Rio Muribeca, um afluente do Rio Itabapoana. Já em 1965, passou a ser chamada novamente "Escola Singular Jaqueira", que perdurou até o ano de 1984.

A partir de 1985 foi transformada em Escola de 1º Grau de Jaqueira, tendo em vista a grande demanda de alunos que ao terminar o ensino primário não tinham como prosseguirem os estudos, devido a Escola de 1º Grau mais próxima está situada a 18 km da localidade de Jaqueira. Por intermédio do advogado Bery Barreto de Araújo e da professora Dilzerly Machado, foi criada na localidade de Jaqueira a Escola de 1º Grau de Jaqueira em 1985. Tendo a professora Dilzerly montado processo junto ao Núcleo Regional de Educação de Cachoeiro de Itapemirim, pedindo a transformação da Escola Unidocente em Escola de 1º Grau, no final de 1985 foi publicada no Diário Oficial a transformação da Escola em Escola de 1º Grau de "Jaqueira".

Em 1991 a escola passou a se chamar Escola de 1º *Grau de Jaqueira* "Bery Barreto de Araújo", em homenagem ao advogado "Bery Barreto de Araújo", cidadão que foi um exemplo para o município, a partir do ano de 1998 a escola foi municipalizada. Em 05 de Janeiro de 2012, atendendo à Resolução 1286/2006 do Conselho Estadual de Educação, fica Decretada a alteração da nomenclatura da E.P.G. de Jaqueira "Bery Barreto de Araújo" para EMEIEF Jaqueira "Bery Barreto de Araújo".

Figura 1: Fachada da EMEIEF de Jaqueira "Bery Barreto de Araújo"



Fonte: Imagem retirada do perfil da instituição nas redes sociais (Facebook, 2019).

A escola hoje é composta de aproximadamente 800 alunos divididos em três turnos (matutino, vespertino e noturno) e, além disso, servem a essa instituição escolar, aproximadamente 43 professores. A equipe técnica é composta de um (01) diretor, seis (06) coordenadores de turno e dois (02) pedagogos, 4 (quatro) auxiliares administrativo, vinte e três (23) serventes, três (03) motoristas, dois (02) monitores de Informática, três (03) monitores de Transportes, um (01) auxiliar de Serviços Gerais e oito (08) cuidadores. Além disso, a instituição conta com os funcionários de firmas terceirizadas. Servem a esta escola dois (02) porteiros, cinco (05) banheiristas, quatro (04) vigias patrimoniais, dois (02) motoristas de van, 12 motoristas de ônibus, 12 monitoras de transporte escolar.

No ano letivo de 2019 teve um quantitativo de 800 alunos matriculados, destes 54 cursam a Educação Infantil, 288 nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, 331 no Ensino Fundamental II e frequentam a EJA e 127 estudaram ou estudam na EJA. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui um total de 21 turmas, sendo que a clientela da instituição são alunos do segmento social na zona rural do município e composto por 26 comunidades rurais.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) desta escola, baseia-se na educação para a formação de um ser humano integral, enquanto agente de transformação de seu contexto histórico. De acordo com essa perspectiva, o processo de aprendizagem cognitiva do educando, permeia por meio da socialização, produção e construção de conhecimento articulados às experiências de vida social. Busca fundamentar-se no desenvolvimento de um cidadão crítico e transformador da própria realidade social por meio da cooperação, participação, responsabilidade, solidariedade e sustentabilidade.

A escola desenvolve diversos projetos com os alunos e comunidade, em parceria com “Secretaria de Saúde, Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Educação e Secretaria de Ação Social”. São realizados projetos como: Saúde bucal, Drogas, Gravidez na adolescência, Amor à vida, Consciência negra, Ação de graças, Família na escola, Conhecendo o município, Feira de ciências, Reforço escolar, Leitura, Preservação dos biomas costeiros entre Praia de Marobá e Neves, Festa Junina, Jogos estudantis, Festa da primavera.

Para trabalhar a leitura a instituição montou uma biblioteca composta por (01) uma mesa com bancos acoplados, uma (01) mesa com dois (02) bancos de madeira, duas (02) mesas de secretário, três (03) cadeiras acolchoada, três (03) mesas vermelhas do aluno com três cadeiras, dois (02) armários de aço com duas portas, 17

prateleiras de aço, um (01) kit infantil de mesas, um (01) armário prateleira com quatro divisões, seis (06) lâmpadas fluorescentes, dois (02) globos, uma (01) lixeira, quatro (04) ventiladores, um (01) memorial em vidro do patrono da escola com objetos que pertenceram a ele.

Observou-se que o acervo é limitado, mas a escola busca junto aos órgãos competentes ampliar o número e a diversidade de livros e gêneros. A biblioteca não possui revistas ou livros em quadrinhos em grande quantidade, mas o acesso ao gênero vem por meio dos livros didáticos, em que se encontra tirinhas, além de buscas pela internet.

3.1.1 Análise e tratamentos dos dados coletados

Segundo as orientações de Barbier (2007) e Thiollent (2011), para este estudo recorreu-se à utilização das seguintes técnicas citadas a seguir: Observações dos participantes; questionário com perguntas fechadas ao grupo; oficina de leitura de HQs voltada para a faixa etária do grupo; foi utilizado um diário de bordo para transcrições do passo a passo das oficinas. E também foi explicitado como se deu o desenvolvimento das atividades realizadas no respectivo espaço educativo.

E em relação à análise dos tratamentos de dados utiliza-se do nível de transcrição literal da fala dos sujeitos seguindo as orientações de Barbier (2007) e Thiollent (2011) no que se refere à metodologia da pesquisa-ação do grupo e foram levantados dados qualitativos.

A respeito de pesquisa-ação, uma definição de Thiollent (2011, p. 20) destaca o envolvimento cooperativo e participativo:

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte; a pesquisa-ação um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Segundo Thiollent (2011, p. 22) a pesquisa-ação não é uma “vaga”, simples coleta de dados ou de relatórios para serem arquivados, publicados, porque por meio da pesquisa-ação o pesquisador buscará desenvolver um papel interativo junto a realidade social que observa. Dessa forma, as pessoas implicadas no grupo

contribuem na ação, na possível resolução ou no esclarecimento de problemas da situação observada.

No contexto escolar as etapas foram desenvolvidas no segundo semestre do ano de 2019, da seguinte forma:

- Apresentação da pesquisadora à gestora e a pedagoga da escola para explicitação da pesquisa;
- Houve a indicação das turmas para à realização da pesquisa;
- Fez-se necessária uma reunião com as referidas professoras de cada uma das quatro turmas participantes da pesquisa para exposição do material que envolvia a pesquisa;
- Houve apresentação geral da pesquisa para os sujeitos da pesquisa;
- Exposição teórica sobre os objetivos da pesquisa e as ações educativas para os sujeitos pesquisados;
- Houve apresentação com linguagem contextualizada sobre as Histórias em Quadrinhos aos leitores, sujeitos da pesquisa;
- Oficina de leitura sobre leitura de HQs;
- Interação individual dos sujeitos da pesquisa sobre os conhecimentos práticos e científicos que foram construídos na pesquisa realizada;
- Foram realizadas a socialização e a apresentação dos resultados obtidos com os sujeitos da pesquisa sobre os conhecimentos construídos na pesquisa-ação realizada;

As práticas educativas de leitura foram realizadas no segundo semestre do ano de 2019. Na sequência, as atividades foram desenvolvidas na oficina de leitura, apresentadas da seguinte forma:

- 1 - HQs selecionada pelo pesquisador de acordo com o nível das turmas;
- 2 - Oficina de leitura de HQs entre as turmas com atividade de levantamento de hipóteses;
- 3 - Discussão com os sujeitos da pesquisa sobre as atividades que foram desenvolvidas.

Por meio desta pesquisa se trabalhou a leitura de Histórias em Quadrinhos na escola ativando estratégias de leitura. Para isso, apresentou-se uma concepção do gênero, com características linguísticas e estruturais, de modo a explorar os

conteúdos, permitindo o acionamento das estratégias de leitura, pautando-se no estudo semântico e pragmático rumo ao letramento.

Para tanto, foram desenvolvidas oficinas de leitura para demonstrar se é possível utilizar as HQs buscando acionar e direcionar as estratégias de leitura e, assim, aprimorar a capacidade leitora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levou-se em consideração para desenvolver esta pesquisa a participação dos discentes das quatro turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. A produção dos dados e os resultados desta pesquisa permitiram explorar a leitura de HQs no contexto escolar, bem como as estratégias de interação texto/leitor. Por meio de um questionário (APÊNDICE A) os alunos se posicionaram respondendo quais são suas percepções sobre leitura de HQs. Logo, na sequência, a oficina de leitura de HQs foi aplicada no curso da pesquisa. Em seguida, foram abordados os dados observados e descritos os resultados obtidos.

A partir do questionário (APÊNDICE A) aplicado aos 70 discentes das turmas do 7º ano no turno matutino, a fim de explanar mais o assunto estudado, foi possível fundamentar melhor a análise das informações coletadas e fomentar o que eles relataram sobre a relação com as HQs.

O questionário foi dividido em duas categorias: a) Percepção dos discentes sobre a importância das HQs; b) Percepção dos discentes sobre a importância, uso e monitoramento da leitura. Essa relação leitor e as estratégias no ato de ler nortearam a pesquisa. Fez-se a tabulação das porcentagens dos dados coletados, sendo os resultados obtidos nesta pesquisa expostos em tabelas e gráficos, para assim melhor sintetizar a percepção do discente. O questionário aplicado foi a ação que veio reafirmar o quanto as HQs são textos que exigem leitores proficientes. A principal finalidade com o questionário foi obter informações sobre a percepção dos discentes quanto à leitura em relação às HQs. Assim, o mesmo foi subdividido em dois tópicos para melhor compreensão os dados e também por conta da melhor estruturação do trabalho.

Em relação à questão 1, observou-se que 100% dos discentes responderam que já leram HQs em algum momento da vida. Com isso, nota-se o quanto as HQs são exploradas pelos leitores. Esses dados reforçam o que foi relatado por Eisner (1999, p. 7), de que “a história em quadrinhos continua a crescer como forma válida de leitura”. Para o autor, a HQs pode ser chamada de “leitura” em um sentido mais amplo, pois exige um leitor moderno, que tenha habilidade para interagir (EISNER, 1999). Diante do exposto, pode-se afirmar que as HQs são textos que oferecem um nicho de possíveis leituras.

Segundo Freire (1982, p. 8) aprender a ler é sobretudo ler o mundo, entender o contexto é inferir antes de tudo:

[...] a leitura do mundo precede à leitura da palavra, daí que a leitura desta não possa prescindir da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

A concepção freireana ressalta a relação entre linguagem e realidade, para Solé (1998) o ensino da leitura deve se dar por meio de situações que sejam representativas para o aluno.

Nessa mesma linha, Kleiman (2016) destaca que a escola precisa dinamizar além de assinalar a relação texto e contexto para que o aluno se sinta inserido na problemática textual, para que diante do panorama possa se posicionar na condição de leitor autônomo e reflexivo.

Tratar do tema leitura de quadrinhos é compreender a escrita de Freire (1982, op. cit. p. 4-5) que salienta, que a leitura da imagem precede à leitura da palavra:

[...] ler é adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com seus contextos e o nosso contexto. O contexto do escritor e do leitor. Ao ler eu preciso estar informando-me do contexto social, político, ideológico e histórico do autor. Eu tenho de situar o autor num determinado tempo [...]. Quando eu leio um autor eu preciso ir me inteirando do contexto dele, em que aquele texto se constituiu. Mas agora eu preciso também de um outro esforço: de como relacionar o texto com o meu contexto. O meu contexto histórico, social, político, não é o do autor. O que preciso é ter clara esta relação entre o texto do autor e o contexto do leitor.

Kleiman (1998, p. 79) discorre sobre a intencionalidade de um texto, a autora exemplificou destacando “[...] a leitura deixa de ser uma análise de palavras para passar a ser uma conscientização sobre os usos (e abusos) da linguagem”, esta conscientização contribui para o acionamento de estratégias de leitura, é uma experiência que o leitor constrói ao estabelecer interação com o texto, seja ele com linguagem verbal, não verbal ou mista, feito nas HQs. Para a autora, conforme ela descreve em outra obra sobre o tema, o “leitor faz predições” (KLEIMAN, 2016, p. 78).

Em relação à questão 2, a maioria respondeu que lê HQs de Fantasia/Fábulas (cerca de 58,5% dos discentes), enquanto os que correspondem a 48,5% disseram que leem o tema super-heróis. Além desses, outros temas foram apontados como ficção científica (12,8%) e drama/terror (26%). E em relação a opção informativa a mesma não foi marcada pelos alunos, ou seja, são leitores de gosto particular.

Quadro 5 – Tipos de HQs que costuma ler

Que tipo de HQs costuma ler? (Livre para escolher mais de uma opção)		
Categorias	Número de alunos	Porcentagem
Drama/Terror	18	26%
Fantasia/ Fábula	41	58,5%
Ficção Científica	9	12,8%
Super-herói	34	48,5%
Informativa	-----	-----

Fonte: Material elaborado durante a pesquisa (2019).

A forma de trabalhar HQs escolhendo por tema ou categoria é válida, pois o aluno poderá dizer o que é da preferência dele e, assim, aplicar o próprio conhecimento sobre o texto escolhido, como também, desenvolver uma leitura autônoma, recorrendo as previsões e inferências. Para Bittencourt et al. (2015, p. 27) é preciso “despertar nas crianças o desejo de serem leitoras”. As HQs foram pensadas para proporcionar prazer no leitor de acordo com Cirne (2000).

No que tange à questão 3, que traz a pergunta se o aluno acredita que alguns temas introduzidos nas HQs são compreendidos mais facilmente do que se fossem por livros apenas com linguagem verbal. Assim, ficou disposto que de acordo com o resultado, 64% informaram que os quadrinhos favorecem a compreensão, 20% acreditam que ocasionalmente as HQs podem facilitar o entendimento e 16% discordaram e para eles esse gênero não ocorre.

A certificação de um ponto relevante remete a afirmação de Barbosa (2006, p. 22), que

[...] palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir.

Perguntados se “Com base na sua relação com as HQs, você acha que elas te incentivam a refletir, ou mesmo incentivam você a ler?” a grande maioria dos entrevistados (90%) disse sim, isto é, respondeu que acredita ter incentivado. O restante respondeu que não, com a parcela de 10%. Com isso, notou-se claramente o quanto as HQs influenciam na vida do leitor.

Para Eisner (2001, p. 8) “a leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”. Por isso, valer-se desse gênero é estar

de posse de um grande rótulo que agrupa diversos gêneros que compartilham uma linguagem similar (RAMOS, 2009).

Concernente à questão 5 – na qual se questionou: Você acha que o leitor pode construir conhecimento por intermédio da leitura de HQs? – a maior parte dos entrevistados marcou a opção sim, obtendo 64% do total, ou seja, eles acreditam que as HQs incentivam a reflexão ocasionalmente 26%, já a opção de que não incentivam teve 10% de indicação, o que demonstra no referido resultado, que tem sim, a possibilidade de os quadrinhos fornecerem conhecimento segundo os discentes entrevistados.

Para Ramos (2009, p. 19), “o leitor, ao entrar em contato com o texto, cria uma expectativa de leitura, que não pode ser ignorada”. A riqueza dos quadrinhos possibilita ao leitor interagir com o texto e ao mesmo tempo com a realidade, pois o gênero tem sido usado a favor das necessidades sociais e não só para ficção. Com isso, o leitor constrói significado e conhecimento (SOLÉ, 1998).

Referente ao questionamento explanado na pergunta 6 – “Você acredita que as HQs podem auxiliar a compreensão leitora, bem como favorecem na relação entre texto e leitor?”, a opção sim correspondeu a 67% do total. A opção ocasionalmente deteve 26% dos votos e o não ficou com 7% apenas.

Na visão de Ramos (2009, p. 14) as HQs geram expectativas, pois

Ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura - da obra e dos quadrinhos – ajude a observar essa rica linguagem de um outro ponto de vista, mais crítico e fundamentado.

Dessa forma, salienta-se que os quadrinhos são um gênero que proporciona mais que humor e cenas. Eles são fonte de informação e, com sua linguagem rica, possibilitam que o leitor acione inúmeras estratégias de leitura ao correlacionar texto verbal e não-verbal aos conhecimentos prévios que detêm.

No que se refere à questão 7, ao ser perguntado “Quais critérios você utiliza para escolher as HQs no ato da leitura?”, 45,7% dos respondentes indicaram que buscariam pelo tema dos quadrinhos, enquanto 32,9% dos entrevistados responderam o gosto pessoal e 4,2% a importância no mercado. Os outros, 8,7% expuseram pelo formato físico e pela durabilidade. Os 8,7% restantes responderam que usariam outros critérios, como a popularidade da obra ou do autor.

Segundo Cirne, as HQs extrapolam o padrão estandardizado, elas englobam pluralidades estilísticas e ideológicas em suas múltiplas manifestações (2000). Por isso, o autor descreve que os quadrinhos são narrativas gráfico-visual:

[...] a grafia exige uma dupla articulação semiótica: narrativa enquanto tal e o seu agente impulsionador (o corte), que mobilizam a relação produção/leitura de forma a mais eficaz possível, tendo em vista a própria operacionalidade semântica e estrutural de sua vigência quadrinhística. Isto é seu espaço narrativo só existe na medida em que se articula com os cortes, que, assim, seriam redimensionados pelo leitor (CIRNE, 2000, p. 23-24).

Trazer para si a responsabilidade de escolher uma HQs e, assim, executar a leitura, é tarefa que requer apoiar-se das imagens e recursos gráficos para construir o sentido do texto, aquele significado produzido por cada leitor no discurso quadrinístico. “É preciso que se desenvolva uma interação” (EISNER, 2001, p. 13).

Quadro 6 – Critérios para escolher as HQs no ato da leitura

Quais os critérios que você utiliza para escolher as HQs no ato da leitura? (Pode assinalar mais de uma categoria)		
Categorias	Número de alunos	Porcentagem
Gosto pessoal	27	38,5%
Tema	35	50%
Importância no mercado	4	5,7%
Formato físico e durabilidade	9	12,8%
Nenhuma das opções	9	12,8%

Fonte: Material produzido pela autora para ilustrar esta pesquisa (2019).

Em relação à questão 8, quando foi perguntado “Conhece alguma biblioteca, ou mesmo algum espaço que utilize HQs as quais os leitores possam utilizar”, 64% dos entrevistados responderam sim, e os outros 36% afirmaram que não. Nota-se que ainda é preciso criar espaços para que esse gênero seja mais acessível. O aluno precisa tocar o texto, sentir a textura das folhas, o cheiro, os tons das cores no papel.

De acordo com Eisner (2001, p. 7) “[...] a revista de quadrinhos constitui o principal veículo da arte sequencial. Na medida que se tornou mais evidente o potencial desta forma, foram introduzidas uma melhor qualidade e uma produção mais cara”. E também público mais refinado e publicações vistosas.

Concernente ao questionamento 9 – “Faço uma revisão textual, com frequência, dos textos lidos no dia a dia, para revalidá-los?”, 76% dos entrevistados responderam às vezes. Outros 24% afirmaram que nunca, enquanto nenhum marcou que faz a revisão sempre. Com esse resultado fica nítida a necessidade de ensinar

estratégias de leitura, pois é urgente aguçar a capacidade leitora, formar leitores autônomos e capazes.

Para Solé (1998, p. 72), “[...] o leitor especialista, além de compreender, sabe que compreende e quando não compreende”. Ter esse controle favorece o aprimoramento da leitura, pois quando não é dada a devida atenção ao que está lendo, o ato se torna mecânico. O leitor só decodifica, não correlaciona o texto a um contexto e não infere sobre o texto, isto é, deixa de fazer uso de estratégias de compreensão leitora. Por isso a revisão se inicia desde a infância, quando tem que escolher a imagem mais bonita, ou seja, o leitor se constrói a partir de um processo de revisão. Para Solé (1998) esse processo se dá de forma ascendente, sequencial e hierárquica.

Quadro 7 – Faço uma revisão textual, com frequência, dos textos lidos no dia a dia, para revalidá-los

Frequência em porcentagem	
Nunca	24%
Às vezes	76%
Sempre	00%

Fonte: Material produzido pela autora para ilustrar esta pesquisa (2019).

Quando perguntado “Eu percebo meus erros no ato da leitura, e utilizo essa tomada da consciência para melhorar ainda mais a minha capacidade leitora?” um total de 63% responderam às vezes. Já 23% disseram sempre ao mesmo tempo em que os 14% restantes replicaram que nunca. Observou-se que, por se tratar de um público que está situado num processo de aprimoramento, ou seja, estudante, essa tomada de consciência está em evolução.

De acordo com Solé (1998, p. 95): “no caso da leitura, o leitor sente-se imerso em um processo que o leva a se autointerrogar sobre o que lê, a estabelecer relações com o que já sabe, a rever os novos termos, a efetuar recapitulações e sínteses frequentes, a sublinhar, a anotar [...]”. Entende-se que ter controle, consciência sobre o ato da leitura, garante uma aprendizagem significativa (KLEIMAN, 2016).

A pergunta 11 replicou: “Busco encontrar formas de melhorar a minha leitura estabelecendo objetivos claros?”. Os resultados foram: às vezes com 47% dos votos, nunca com 22% e sempre com os demais 31% das respostas dos entrevistados. Para ter consciência dessa necessidade é preciso lidar com os aspectos cognitivos da

leitura, o leitor precisa adotar uma postura crítica, e ser capaz de compreender sua habilidade na práxis da leitura.

Kleiman (1998, p. 45) relata que “essa atividade intelectual começa pela apreensão do objeto por meio dos olhos com o objetivo de interpretá-lo”. Para a autora, o leitor ideal se engaja no processo com uma postura ativa.

Segundo Solé (1998, p. 41) descreve que “[...] nossa atividade de leitura está dirigida pelos objetivos que pretendemos mediante ela [...]”. Por isso é evidente, crucial, que o leitor estabeleça objetivos, estratégias e intenções da leitura (SOLÉ, 1998).

Quadro 8 – Busco encontrar formas de melhorar a minha leitura estabelecendo objetivos claros

Frequência em porcentagem	
Nunca	22%
Às vezes	47%
Sempre	31%

Fonte: Material produzido pela autora para ilustrar esta pesquisa (2019).

Com referência à indagação 12 – “Eu tento relaxar sempre que sinto insegurança ao realizar uma leitura e busco descobrir boas estratégias de leitura?”, uma porcentagem de 40% dos entrevistados afirmou que sempre relaxa quando sente insegurança, enquanto 38% responderam às vezes e 22% nunca conseguem e ficam mais tensos, ou seja, a leitura fica comprometida, o desconforto interfere na tomada de consciência e também na aplicação de estratégias. Segundo Solé (1998) quando se tem controle sobre o que ler e para que a leitura foi realizada, o leitor granjeia êxito.

De acordo com a perspectiva da obra de Solé (1998, p. 125), “para ler eficazmente, precisamos saber o que podemos fazer quando identificamos o obstáculo, o que significa tomar decisões importantes no decorrer da leitura”. Dessa forma, um leitor ativo supera a insegurança quando atua numa perspectiva interativa.

No que tange à questão 13 “Avalio o meu processo de leitura e estabeleço objetivos para mim mesmo, no ato da leitura?”, verificou-se que 51% dos discentes responderam às vezes, 36% sempre e 13% nunca. Segundo Kleiman (2016) isso acontece quando o ensino da leitura é ativamente contrário à abordagem global significativa.

Conforme Solé (1998, p. 72) elucida: “[...] conseguimos nosso objetivo e podemos variar nossa atuação quando isso nos parece necessário”. Por isso, o leitor

deverá ser capaz de questionar-se e estabelecer objetivos com base no seu ângulo de visão, de interação textual.

Quadro 9 – Avalio meu processo de leitura e estabeleço objetivos para mim mesmo no ato da leitura

Frequência em porcentagem	
Nunca	13%
Às vezes	51%
Sempre	36%

Fonte: Material produzido pela autora para ilustrar esta pesquisa (2019).

Esses dados reforçam a necessidade de tanto a escola quanto o professor planejem aulas que auxiliem o desenvolvimento de estratégias de leitura, e mais que isso, é preciso despertar no aluno a capacidade de monitoramento e execução da leitura, para assim, ele ser capaz de criar suas próprias estratégias.

Isso é necessário para que o discente seja autônomo no processo de leitura, leitor consciente com habilidades leitoras, hábil para interagir com o texto e o contexto, coordenando toda a ação leitora.

Segundo Bittencourt *et al.* (2015, p. 23) “[...] é necessário planejar estratégias específicas para ensinar os alunos a lidar com as tarefas de leitura em cada componente curricular a fim de que os objetivos de ensinar e aprender sejam alcançados”. Cabe ao professor, portanto, a tarefa de inserir o aluno no campo da leitura.

Para Freire (1979, p. 29) “o saber se faz através de uma superação constante”. Sendo assim, na versão freireana, a leitura e a relação pessoal com ela fazem-se relevantes, para que o aluno tenha compreensão de como tem ocorrido a interação (texto/leitor) no processo da leitura.

4.1 ANÁLISE DA OFICINA DE LEITURA

No campo da leitura, o leitor é estimulado a ler e a fazer implicitamente questionamentos ao texto, seja ele de quadrinhos ou outro gênero, mesmo sem se dar conta de que está interagindo e interpretando, se dá a compreensão. E essa relação entre texto e leitor surge a partir de perguntas que se sucedem por meio de inferências. Texto e leitor fomentam o processo de compreensão e, assim, novas perguntas surgem à medida que as anteriores são sanadas por meio de elementos do

próprio texto e pelo leitor, mesmo inconscientemente em dadas leituras, conforme relata Solé (1998).

Um fator que Kleiman (2016, p. 36) destaca é a interação entre aluno, professor e a prática de sala de aula. Para ela é

[...] durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientados nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão.

Para ajudar o aluno a se tornar um leitor proficiente é importante promover condições e práticas de interação. Kleiman (2016) na obra *Oficina de Leitura Teoria e Prática*, enfatiza sobre a importância de oficinas de leitura, as mesmas podem permitir a construção de um saber mútuo.

Para Bittencourt *et al.* (2015, p. 23) é necessário “[...] planejar estratégias específicas para ensinar os alunos a lidar com as tarefas de leitura [...]”. Já segundo Freire (1979, p. 46) o ser humano é que responde aos desafios do mundo histórico-social:

Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural. O mundo de acontecimentos de valores, de ideias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos.

Não perder o foco, pode ser uma oportunidade para estabelecer controle sobre aquilo que você pode, o que deseja alcançar e ser capaz de identificar seu potencial enquanto leitor e suas dificuldades. Para isso tem que estar resguardado para se desvencilhar de qualquer situação que inibe, sufoca seu raciocínio ou faça romper o “fio da leitura”, intervir antes de perder o foco da leitura. Na visão de Freire (1979, p. 61), o sujeito é atuante e deve cada vez mais intervir no mundo histórico-cultural, pois

Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais.

Nesse sentido, contribuem Bittencourt *et al.* (2015, p. 10) explicitando que “ler e compreender são competências que se aprendem (ou não) ao longo da escolaridade e demandam intervenções didáticas específicas e objetivos”. Ou seja, a mediação advinda do professor é necessária, e mais que isso, intervenções quando executadas são de mais valia quando desenvolvidas em sintonia professor/aluno, gera bons

resultados; “cria sentidos e significados para o mundo, através do compartilhamento de interesses e ideias em um constante movimento interativo” (BITTENCOURT *et al.*, 2015, p. 55).

É muito importante ressaltar que o processo de leitura no ambiente escolar implica monitoramento, significa estar a par de todas as etapas, do planejamento a conclusão da leitura; esse processo deve se efetuar em parceria entre o professor e o aluno, é nessa relação que se constrói a práxis leitora. Nas palavras de Bittencourt *et al.* (2015, p. 21),

Para desejar ler, é necessário que o leitor signifique a ação para si mesmo, pois ela demanda esforço cognitivo para o qual precisa estar interessado e motivado e é preciso que o professor considere também que o interesse do aluno necessita ser retroalimentado ao longo das atividades de compreensão textual.

Conforme explicitado pelos autores, a leitura demanda esforço cognitivo. Logo, é preciso exercitar o raciocínio e as estratégias que possibilitam a compreensão e a reflexão textual. O leitor precisa motivar-se e interagir com o texto para que haja uma fundição de lógica textual.

4.1.1 Oficina de leitura de Histórias em Quadrinhos

Durante o desenvolvimento da oficina de HQs, foi criado o mapa de eventos (APÊNDICE D). Nele constam alguns episódios durante a leitura, ocorridos na sala da lousa digital para o desenvolvimento da Oficina de leitura de Histórias em Quadrinhos, com o tema “Nosso planeta: O mundo está o que?”. Este momento de leitura foi realizado com os estudantes do 7º ano, das turmas A, B, C, D.

Neste espaço de ensino predominam organizações com grupos menores, por isso as turmas participaram de forma escalonada. A primeira a participar foi a turma A, em seguida a D, logo depois a B e em sequência a turma C. A participação das quatro turmas foi relevante para se observar as estratégias que usaram, e assim, perceber que o leitor proficiente direciona, confirma ou refuta o que entendeu no ato da leitura e se este socializa com o grupo a própria leitura, percepção conforme salienta Solé (1998).

Identificação para facilitar a interação dos participantes no quadro de eventos: P: professora; a): 7º Ano A; b): 7º Ano B; c): 7º Ano C; d): 7º Ano D. A oficina aqui descrita, não se trata de um modelo e sim de uma das diversas formas que poderia

ser apresentada uma tarefa de leitura em grupo. O exemplo da oficina ajuda a reforçar que a leitura não exige condições fantásticas para serem postas em prática. O necessário é a relação texto/leitor, como transpor conhecimento e compartilhá-lo com os que estão ao redor.

Para essa proposta foram utilizadas as tirinhas em quadrinhos da personagem Mafalda, do escritor Quino. São três exemplares, a partir dos quais a professora e os educandos acionaram conhecimentos e experiências prévias para com o gênero em questão.

A professora, por meio de perguntas, buscou identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema da aula. Como se pode observar no mapa de eventos (APÊNDICE D), a professora foi criando um padrão discursivo adaptado ao desenvolvido por Edwards e Mercer (1987).

Nas palavras dos autores, a iniciação do diálogo se dá pelo professor, normalmente por meio de uma pergunta. E a resposta do aluno é o *feedback* entre os envolvidos. Para esta pesquisa foi feita a adaptação da participação de quatro turmas em um único mapa. As amostras selecionadas para compor o quadro foram escolhidas aleatoriamente em cada turma. O propósito foi cruzar as respostas e estratégias de leitura. Foi selecionada uma amostra de cada turma, haja vista que foram aproximadamente 70 alunos envolvidos na pesquisa.

Diante dessa perspectiva, nota-se que a comunicação em sala de aula privilegia a interação verbal, o diálogo interativo e que a aprendizagem colaborativa aguça as estratégias de leitura. O diálogo interativo ocupou papel central no processo de ensino e aprendizagem no que tange a leitura, a comunicação apresenta-se interativa e colaborativa quando contribui para a (re)elaboração de significados gerados a partir do processo dialógico (SOLÉ, 1998).

Eisner (2001) discorre que essa dinâmica de interação ocorre porque no processo entre texto, leitor e mediador o sujeito leitor precisa estabelecer várias leituras. Para isso, este deve exercer suas habilidades interpretativas. Nesse sentido, a interação contribui para a construção da habilidade leitora, ao ler faz-se uso de todo conhecimento prévio adquirido.

A apresentação do tema HQs seguiu de um planejamento previamente definido. A professora iniciou as aulas transitando entre os estudantes, mostrando três textos narrativos quadrinísticos. Após a visualização, foram lançadas perguntas

desafiantes, o que estimulou os estudantes ao diálogo investigativo sobre a percepção deles em relação ao contexto dos quadrinhos.

A mediadora articulou uma sequência de diálogos, estimulando e desafiando os alunos a expressarem suas opiniões, emoções e conhecimento prévio para que, assim, estes apresentassem relatos de experiências pessoais, correlacionado, reforçando ou contrapondo as suas interpretações visuais e verbais. Os alunos se posicionaram, questionaram, inferiram, processaram e examinaram os textos, se atentaram para os propósitos implícitos e explícitos da leitura, bem como, se a leitura expressa por eles tem coerência.

As imagens a seguir foram exploradas na oficina:

Figura 1 – Tirinha da Mafalda em sala de aula



Fonte: Quino (2010). Do Universo dos Quadrinhos a Sala de Aula: Mafalda À Aula de História – **Com Mafalda em sala de aula.** Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Figura 2 – Quadrinhos da Mafalda em sala de aula



Fonte: Quino (2010). Do Universo dos Quadrinhos a Sala de Aula: Mafalda À Aula de História – **Com Mafalda em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Figura 3 – Tirinha da Mafalda para sala de aula



Fonte: Quino (2010). Do Universo dos Quadrinhos a Sala de Aula: Mafalda À Aula de História – **Com Mafalda em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Diante do questionamento que gira em torno de “Como explorar no contexto escolar a leitura de histórias em quadrinhos e as estratégias de interação entre texto e leitor?” buscou-se a partir dessa oficina explorar as inferências dos alunos estimulando as estratégias de antecipação por meio de predições, perguntas,

comentários, para então, motivar a participação dos discentes no jogo interativo da leitura.

De acordo com Kleiman (2016), no estágio inicial das aulas de leitura o professor serve de mediador entre o aluno e o texto. Como agir? Durante a oficina a conversa sobre aspectos relevantes do texto favoreceu a compreensão textual, pois a inferência de um aluno se somou à de vários outros, que diante das inúmeras que foram surgindo, suscitaram tantas outras. Com isso, percebeu-se, que por meio de oficinas de leitura bem planejadas o aluno eleva o nível de compreensão num processo ascendente.

Os três textos selecionados que aparecem como Figuras 1, 2 e 3 permitiram um exercício de conectividade, pois a personagem Mafalda desperta no leitor inquietações com as falas e atitudes dela. Os contextos das tirinhas e quadrinhos incutem, persuadem o leitor. E por meio das lacunas o mesmo se vê num ângulo no qual ele precisa visualizar e abstrair conclusões ao passo que mobiliza sua cognição, tornando a atividade de leitura consciente, reflexiva e intencional (KLEIMAN, 2016).

No decorrer da oficina perguntas foram feitas e cada uma foi elaborada com o intuito de suscitar novas interrogações e, assim, gerar uma rede de interação. E, desse modo, sucederam-se novas predições que foram surgindo apoiadas no conhecimento prévio de cada aluno.

Com o suceder da oficina a atenção voltada aos quadrinhos foi crescendo os alunos queriam entender mais do contexto. Foram criando predições, antecipando o que está dito por meio das informações explícitas e implícitas nos textos. As antecipações realizadas por eles eram socializadas, e ocorria uma sinergia textual.

Dessa relação surgiu a possibilidade de os leitores criarem novos significados para o texto extrapolando o que está explícito, lendo as entrelinhas para além das tirinhas e quadrinhos. A cada confirmação das hipóteses os leitores se sentiam mais seguros e retomavam as estratégias para se assegurar.

Conforme explanado no registro da oficina, a professora buscou na interação despertar nos alunos a tomada de consciência, de reflexão no que refere às hipóteses. E as estratégias de previsão foram processadas nas questões 2 e 3, em que o leitor se posiciona. E, para isso, analisa a imagem e faz uso do seu conhecimento prévio para se chegar a uma conclusão.

Nesse sentido, ao interagir com o texto, o leitor conquista novos significados e diferentes linguagens: verbal, não verbal. Para aguçar e incentivar a argumentação as

questões 6 e 7 do referido mapa se tornaram um viés que conduz o leitor a se posicionar, pois o leitor precisa ter uma tomada de consciência e empoderamento para expor o próprio ponto de vista, ao mesmo tempo em que estabelece a socialização do conhecimento.

As análises das interações revelaram como a professora e os estudantes sustentam novos significados em um processo comunicativo, no qual ideias diferentes podem coexistir, como resultado de leituras de ângulos dissemelhantes. Porém, que converge para um único contexto, no caso a leitura em quadrinhos em questão (SOLÉ, 1998).

Cabe ressaltar, portanto, que o processo de compreensão mediante ao contexto explorado dos quadrinhos possibilita inúmeras estratégias de leitura e aprendizagem, é por meio da construção de sentidos que se ressignifica as HQs.

Estudando este episódio de ensino, no que concerne ao diagnóstico e ampliação de conhecimentos prévios dos estudantes em dialogia com os quadrinhos, evidencia-se que a comunicação entre texto e leitor “[...] depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem” (EISNER, 2001, p. 14).

A mediadora da aprendizagem auxiliou os estudantes a compreenderem o contexto que elucida a HQs em análise. Em virtude disso, a leitura caracterizou-se como um ciclo de atividades cognitivas que atuam sobre a interação entre leitor e texto. Observou-se que a linguagem como ação comunicativa e dialógica de mediação, organiza, estrutura o discente nos contextos da leitura.

O professor como sujeito mediador nos processos de aprendizagem estabelece intervenções educacionais, instigando o leitor a revisar sua leitura ou para correlacioná-la com outros contextos, visando a construção de argumentos, entendimentos, consensos geradores de sentidos e significados. Tal ação propicia aos leitores inúmeras possibilidades de reconhecer, compreender e socializar conhecimentos a partir de múltiplos e diversos saberes globalizados explorados nas HQs.

De acordo com Solé (1998), as opiniões dos estudantes e o diálogo de interação incorporados ao mapa da oficina, tornaram-se ao mesmo tempo, meios facilitadores e renovadores da prática pedagógica favorecendo diferentes interações.

A saber, são elas: a importância dos conhecimentos prévios dos estudantes; a superação da transmissão e memorização de fatos e informações (tanto no texto em

quadrinhos, quanto no mundo real); o incentivo a participação ativa dos estudantes no processo de construção do conhecimento da leitura; a busca de uma leitura centrada na reelaboração e evolução conceitual; o uso de fontes de informação visando à autonomia na busca do conhecimento; o desenvolvimento de meios que oportunizem a vivência de atividades que demandam inúmeras estratégias de leitura, a exploração dos símbolos visuais do texto, e a tomada de consciência diante do ponto que a leitura pode ser ressignificada, reelaborada ou refutada no que diz respeito a compreensão leitora (SOLÉ, 1998).

Esta pesquisa ateu-se à questão orientadora do processo: “Como explorar no contexto escolar, a leitura de HQs e as estratégias de interação entre texto e leitor?”. Depois de feitas algumas considerações com base em pressupostos teóricos sobre a leitura de HQs, elaborou-se um questionário que foi aplicado, a fim de conhecer o perfil do leitor. A experimentação do referido questionário possibilitou atingir o objetivo inicial – investigar o quantitativo de alunos que costumam ler HQs e quais critérios os mesmos usam para a escolha do texto no ato da leitura.

O objetivo no início do processo de pesquisa foi alcançado, uma vez que se obteve uma visão geral do universo quadrinístico. Os alunos demonstraram, por meio dos dados colhidos, que eles têm apresso pelos quadrinhos.

O acesso prévio, por parte dos estudantes, com relação à leitura de HQs, facilitou o diálogo no ato da aplicação da oficina. Esta experiência possibilitou uma leitura significativa pela produção criativa realizada pelos referidos sujeitos. Acredita-se que a Oficina de HQs, atingiu o objetivo dela, que era de estimular o deleite e a interatividade entre texto e leitor verificando a ampliação do uso de estratégias de leitura.

A atividade desenvolvida foi a leitura de quadrinhos da personagem Mafalda, do cartunista Quino. Nesta dinâmica, os estudantes analisaram a composição da Arte Sequencial, interagiram com os textos e com o grupo e fizeram uso de inúmeras estratégias de leitura.

A oficina oportunizou o complemento à ação leitora, pois previu para o mesmo grupo de sujeitos de pesquisa uma atividade orientada de leitura mais especificamente.

Nesse processo, os alunos puderam expor sua visão e interpretação sobre os elementos que compõem as imagens e também ouvir o que os demais interpretaram

dos textos, e assim, cada leitor constrói sua leitura a partir de uma própria ótica, uma melhor compreensão do processo e uma maior aproximação das HQs.

Os alunos socializaram o contexto das tirinhas com os conteúdos das outras disciplinas, em destaque a de Ciências, no que tange ao meio ambiente, o que foi significativo, pois o entrelaçamento permite construir novas leituras.

Dessa perspectiva, pode-se considerar que a hipótese que norteou o projeto desta pesquisa foi confirmada, pois o uso de estratégias de leitura se configurou como ação importante no estímulo à formação leitora dos estudantes. As HQs podem ser grandes provocadoras e estimuladoras às visualidades. A arte sequencial prevalece nos discursos mais acessados, ela inspira comunicação. Por meio da oficina os alunos foram motivados, o que possibilitou avaliar as ações interacionais estabelecidas pelos alunos em contato com as HQs na sala de aula.

Como toda pesquisa que investiga objeto tão vivo quanto formação humana no universo da leitura de HQs, no âmbito do Ensino Fundamental II, o desejo é que dessa experiência frutifiquem outras, por meio de oficinas que tematizem a relação entre leitor, leitura e HQs, a serem oferecidas para alunos e professores.

Por fim, reitera-se como motivação o desejo de tornar real o acesso à leitura no meio escolar em ritmo constante e crescente. Para tanto, propôs-se como produto final desta pesquisa, uma cartilha didática com oficinas de leitura de HQs.

4.2 PRODUTO FINAL

Depois de relatar o passo a passo das ações desenvolvidas nesta pesquisa e de analisar os dados expostos sobre a prática da interação entre texto e leitor, foi desenvolvida uma cartilha com oficinas de leitura de HQs. Tais oficinas poderão ser aplicadas em turmas do 7º Ano do Ensino Fundamental, da mesma forma como foram efetivadas na escola de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”, em que a pesquisa foi realizada.

Esta proposta será possível de aplicação e de grande valia no processo de ensino e aprendizagem da leitura de HQs. Em virtude disso, o uso de estratégias poderá ser aprimorado, haja visto que as oficinas foram elaboradas levando em consideração o contexto do público-alvo.

Para alcançar um dos objetivos desta dissertação, esta cartilha foi elaborada a partir dos dados coletados, das observações apreendidas e em conformidade com o

projeto pedagógico da escola, que a “Oficina Leitura de Histórias em Quadrinhos” (APÊNDICE F) foi elaborada.

A referida cartilha apresenta as estratégias para motivar e aguçar a leitura dos discentes, bem como, o passo a passo de como desenvolvê-la em parceria com os discentes na práxis do dia a dia. O processo de interação com o público-alvo no decorrer da pesquisa, culminou no desenvolvimento e na organização desse material de apoio, no que diz respeito ao processo da leitura e uso de estratégias.

De acordo com Roberto Elísio em sua obra “Aplicação da História em Quadrinhos”, este gênero contribui para que a criança compreenda melhor e mais facilmente alguns conceitos, que para ela é visto como complexo. Santos (2001, p. 69) elucida que

[...] a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra.

É primordial que o professor busque capacitação a cada dia, pois esse aprimoramento enriquecerá a prática em sala de aula, já que se espera de quem se capacita inovações, atitudes e resultados favoráveis à realidade na qual faz parte, em se tratando de leitura ele deve buscar conceitos e ações que irão contribuir para aguçar, cada vez mais, as habilidades leitoras do aluno, oportunizando a este rever e monitorar o uso de estratégias das quais faz uso.

Esta pesquisa permitiu reconhecer que a teoria e a prática enriquecem os resultados galgados no ensino da leitura das HQs. Neste sentido, observou-se que cabe ao professor implementar ações que fazem parte do trabalho desenvolvido e que poderão vir a ser disseminadas com toda a comunidade escolar e a sociedade.

Por meio das oficinas propostas na cartilha, os professores poderão oportunizar aos alunos a realização de leituras práticas e visualmente atraentes, estimular a reflexão em relação ao contexto textual, visando correlacionar partes verbal e não-verbal; compartilhar o que apreendeu com os colegas; ensinar e aprender por meio da interação, além de usar a criatividade expressada nos quadrinhos a favor do processo de levantamento de hipóteses.

Espera-se que a execução das oficinas oportunize uma maior interação entre professor, aluno e texto, e que novas ideias possam surgir para agregar e aperfeiçoar o emprego de estratégias de leitura por parte dos alunos.

Tem-se como objetivo envolver o professor e o aluno no processo de construção de significado da leitura de HQs, pois estas podem ser suporte para alcançar às mensagens que remetem ao contexto social, uma vez que a linguagem dos quadrinhos dialoga com o leitor por meio de cores, quadrantes, balões, expressões.

Dessa forma, fica claro que com a criação e sugestão dessa cartilha como produto final pretendeu-se contribuir para o crescimento do nível de letramento, por isso a importância de mobilizar e estimular o ato da leitura.

Ações realizadas a partir de oficinas de leitura de HQs poderão integrar e contribuir para uma aprendizagem significativa, unindo professor e alunos para o acionamento de diversas estratégias de leitura. Portanto, espera-se que usar as HQs possa ser o início do aperfeiçoamento da prática leitora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu experienciar e compreender melhor como se dá o processo do uso de estratégias leitura na formação do leitor por meio das HQs e do contexto que as mesmas abordam. O contato com o gênero contribuiu para a construção de um leitor autônomo, culminado em uma aprendizagem significativa que, por sua vez, acaba colaborando para uma melhor compreensão do texto quadrinístico.

Considera-se que o leitor proficiente faz uso de estratégias de interpretação, bem como, executa e monitora suas ações, inferências e hipóteses no ato da leitura para, assim, chegar a uma coerência global e a um nível satisfatório de leitura à sua necessidade social. Isso requer estímulo e prática, que foi o que ocorreu durante o desenvolvimento da oficina.

Os dados gerados nesta pesquisa, bem como as análises teóricas e metodológicas, permitiram alcançar os objetivos propostos nesta dissertação. Isso porque, os resultados analisados e discutidos no capítulo 4 possibilitaram concluir, a partir da oficina, que o uso de estratégias realizado de forma contínua aguça a habilidade de compreensão leitura.

Os PCNs apontam pilares fundamentais para a formação do leitor proficiente. E para alcançar um nível de leitura satisfatório é primordial um processo que demanda empenho e reflexão sobre como inferir no ato da leitura. Desse modo, é relevante investir em metodologias e práticas de ensino da leitura a partir de oficinas de HQs, bem como incentivar e promover ações que motivem o leitor. Por isso o apoio de um mediador, sobre o ensino das estratégias de leitura com as HQs, pode oportunizar ao educando a compreensão de texto em quadrinhos.

Dessa forma, realizou-se a pesquisa-ação em que a pesquisadora atuou como mediadora e facilitadora da compreensão leitora, o que aprimorou a prática da mesma, superando alguns equívocos sobre a leitura de quadrinhos. Isso também acabou reafirmando que as HQs não são um subgênero, pelo contrário. Conforme assegura Eisner (2001) trata-se de um texto que exige do leitor um esforço intelectual.

Tornou-se possível com essa pesquisa perceber que a leitura de quadrinhos é benéfica e significativa para todos os contextos sociais. Sendo assim, observou-se também que cabe à escola e aos educadores, desenvolver ações que ampliem a prática da leitura de HQs dentro das salas de aula.

Constatou-se, a partir dos resultados do questionário, que os leitores de HQs

se constituem leitores, pois determinam ligações entre o conjunto de sentidos que formam a sua experiência de vida. Outro ponto fundamental é o das estratégias de compreensão leitora, estas são fundamentais, pois ajudam o leitor a se manter na coordenação do processo da leitura, no entendimento, no foco e nos objetivos para uma leitura substancial, as estratégias leitoras impulsiona o leitor para atribuição de sentido, objetivação, apropriação; e em consonância a isso, os quadrinhos agregam mais valores semânticos a conexão leitora.

Apresentou-se a elaboração do passo a passo, que foi a aplicação de um questionário e uma oficina de HQs, com textos do autor argentino Quino (1991). Por meio dos quadrinhos da Mafalda foi possível acionar as estratégias de leitura a partir da visão das autoras Solé (1998) e Kleiman (2016): conhecimento prévio, conexões, visualização, inferência, perguntas ao texto, reavaliação da compreensão, o que permitiu, assim, uma melhor compreensão leitora quadrinística.

Essas estratégias possibilitaram aos alunos a vivência de momentos de atuação leitora, pois o envolvimento das estratégias com as HQs, oportunizou conhecimentos significativos para os discentes.

Ao acionar as estratégias de leitura, os discentes estabeleceram uma melhor compreensão do texto quadrinístico, ampliando assim seus conhecimentos de mundo, linguístico, ou seja, a capacidade sociocognitiva interacional (KLEIMAN, 2016).

O ensino das estratégias de leitura precisa ser contínuo conforme enfatiza Lajolo (1994). A escola precisa junto com o educador planejar e definir atividades de leituras continuamente, com expectativa de que os discentes possam por intermédio da prática exercitar as estratégias de leituras adquiridas e constar novas. Por isso é importante vivenciar a leitura.

Portanto, vale frisar que esta pesquisa é fruto de um vislumbre que gira em torno da expectativa de que as HQs criam uma oportunidade de interação com o leitor, haja vista, que há sempre uma situação comunicativa para intermediar o processo de interação entre o texto e o leitor. Isso não pode e nem deve ser ignorado, em virtude da maneira eficaz e eficiente que é possível trabalhar a leitura por meio delas.

A investigação desta dissertação evidenciou que as ações estratégicas de leitura utilizadas têm condições de servir como embasamento para que outros educadores consigam desenvolver oficinas de leitura de HQs, especialmente considerando que elas podem facilmente ser realizadas em sala de aula. Inclusive, sugere-se que elas aconteçam periodicamente, visando possibilitar aos educandos o

alcance da autonomia leitora.

Assim, o desfecho desta pesquisa é que os alunos utilizam mais estratégias de leitura após a oficina. Dessa forma, o ensino da leitura estratégica deve ser permanente, ou seja, a interação entre texto e leitor deve ser oportunizada. O produto final desta dissertação se deu como um material que deverá contribuir com novas práxis para o ensino da leitura.

REFERÊNCIAS

- BALLMAN, Fábio. **A Nona Arte**: história, estética e linguagem de quadrinhos. Tubarão, 2009.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARBOSA, Alexandre. **Arte-educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.
- BARBOSA, Alexandre. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARI, Valeria Aparecida. **O potencial das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. Tese apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/publico/1937466.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.
- BARI, Valeria Aparecida.; VERGUEIRO, Waldomiro. **As Histórias em Quadrinhos para a formação de leitores ecléticos**: algumas reflexões com base em depoimentos de universitários. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2007.
- BARROS, Anderson Iury Nunes; CASTRO, Camila Porto de; GUIMARÃES, Lucas José. **As tiras da Mafalda**: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinhos. Material extraído de quadrinhos do livro Toda Mafalda. Projeto de pesquisa selecionado pelo Programa bolsas de licenciatura da Universidade Federal de Goiás – Prolicen – UFG (2010/2011/2012). Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/As_tiras_da_Mafalda_-_1%C2%AA_Parte.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; JUHAS, Sílvia E SCHWARTZ Suzana. **A compreensão leitora nos anos iniciais** – reflexões e propostas de ensino. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.
- BNCC, Base Nacional Comum Curricular. **BNCC**: Portal vinculado ao Conselho Nacional dos Secretários de Educação e ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Brasília. 1997.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**: linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.
- CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Alfabetização e linguística**. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMPOS, Adriana Juliano Mendes de. **Abordagem intersemiótica da literatura na educação básica: desafios e perspectivas.** São Paulo. 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp013076.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CARVALHO, Leandro. **História em quadrinhos como incentivo à leitura.** Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/orientações/historia-quadrinhos-como-incentivo-leitura.htm>. Acesso em: 04 mar. 2019.

CATONIO, Angela C. Dias do Rego; CRUZ, Ronilço Oliveira. **Gibiteca, biblioteca do gibi.** 2008. Disponível em: www.pr5.ufrj.br/cd_iberobiblioteca_pdf/educacao

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

DIONISIO, Angela Paiva.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DJOTA, Dario Carvalho. **A educação está no gibi.** Campinas: Papyrus, 2006.

EDWARDS, Derek; MERCER, Neil. **Common knowledge: The development of understanding in the classroom.** Methuen. 1987.

EISNER, Will. **Quadrinho e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. **Quadrinho e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EISNER, Will. **Quadrinho e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2006

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2001.

FOGAÇA, Adriana Galvão. **A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes.** Revista do Programa de Educação Corporativa, v.3, n.1, p.121-131. 2002/2003.

FONTES, Rosa Maria Miguel Fontes. **A importância dos gibis na alfabetização.** Blog Conta uma história. Jornalismo e literatura infantil. Última atualização: 07 mar. 2017. Disponível em: <http://contaumahistoria.com.br/2017/03/a-importancia-dos-gibis-na-alfabetizacao/>. Acesso em: 10 set. 2019.

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara. **Como facilitar a leitura.** São Paulo: Contexto, 1992.

GLERIA, Erico. **As histórias em quadrinhos e a indústria cultural**: aproximação à luz das criações de Mauricio de Sousa. 2011. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2768/1/Erico%20Gleria1.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.

GOTTLIEB, Liana. **Mafalda vai à escola**. SP: Iglu- USP, 1996.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

IPL, Instituto Pró- Livro. **Retratos da Leitura**. Fomento à leitura e acesso ao livro. Publicação de 31/01/2019. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

KATO, Mary Alzawa. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, Angela. **Leitura**: ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela. **Texto & leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: Teoria e Prática. 9ª. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: Teoria e Prática. 16ª. ed. São Paulo: Pontes, 2016.

LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. SP: Ática, 2004.

MAGNUSSEN, Anne; CHRISTIANSEN, Hans-Christan (eds.). **Comics and Culture: Analytical and Theoretical Approaches to Comics**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2000.

MENDONÇA, João Marcos Pereira. **Traça, traço, quadro a quadro**: a produção em quadrinhos no ensino da Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Ciências em quadrinhos**: recurso didático em cartilhas educativas. Recife: 2008.

PEIXOTO, Maurício de Abreu Pinto; BRANDAO, Marcos Antônio Gomes; SANTOS, Gladis dos. **Metacognição e tecnologia educacional simbólica**. *Rev. bras. educ. med.* [on-line]. 2007, vol.31, n.1, pp.67-80. Acesso em 06 de outubro de 2019.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**: construindo sentido a partir. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PREFEITURA DE PRESIDENTE KENNEDY. **História do município**. 2018. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.es.gov.br/pagina/ler/1000/historia>>. Acesso em: 20 set. 2019.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. **Toda Mafalda**: da primeira à última tira. Tradução Mônica Stahel M. da Silva et. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. **Com Mafalda em sala de aula**. Do universo dos quadrinhos à sala de aula: Mafalda à aula de História. 2010. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil & Juvenil**. 2 ed. SP: Saraiva, 1997.

ROGOFF, Barbara. Cognition as a collaborative process. Em W. Damon, D. Kuhn & R. S. Siegler (Orgs.), *Handbook of child psychology: Cognition, perception and language*. New York: Wiley. 1998.

ROXO, Roxane Helena. **Multiletramento na escola**. SP: Parábola Editorial. 2012.

SAMAIN, Etiene. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage learning, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio. **Aplicação das Histórias em Quadrinhos**. Comunicação & Educação, São Paulo, 2001.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à psicolinguística**. SP; Ática, 1991.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Penso, 2012.

SILVA, Ezequiel. Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: pesquisas e propostas. São Paulo: Ática, 2008.

SIQUEIRA Maity; FREITAS Gabriela Castro Menezes de. **Ler e escrever**: Ensinar para melhor aprender. *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel*. p. 196. Disponível em: <[file:///C:/Users/pc/Downloads/2107-2844-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/2107-2844-2-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 15 set. 2019.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**. Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOUZA, Renata Junqueira de (*et al.*). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010. Outros autores: Ana Maria da C. S. Menin, Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, Dagoberto Buim Arena. (*apud*) HARVEY,

Stephanie; GOUDVIS, Anne. **Strategies that work. Teaching comprehension for understanding and engagement.** USA: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18ª ed. SP; Cortez, 2011.

TRAPIA, Jesús Alonso; Enrique Caturla Fita. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** Tradução Sandra Garcia. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/tapia-j-fita-e-a-motivac3a7c3a3o-em-sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQ no ensino In: _____(Org), **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS Paulo. **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática.** SP; Contexto, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem.** SP: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: Alternativas do Professor.** 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCANDOS

Questionário para o trabalho de pesquisa da mestranda Fábria Fagundes Pacheco

Este questionário faz parte da coleta de dados que será utilizada para ajudar no desenvolvimento da dissertação de mestrado, com o objetivo de avaliar se há uma relação interacional entre as HQs e o leitor, além de poderem ser utilizadas como aliadas no processo de aplicação de estratégias de leitura ajudando de alguma forma na educação, de forma geral transmitindo conhecimento.

- Perfil do público-alvo: Alunos das turmas do 7º Ano

Qual o seu gênero? () Masculino () Feminino

Qual a sua idade? _____ anos

- ETAPA 1: Percepção dos discentes sobre a importância das Histórias em Quadrinhos

RELAÇÃO LEITOR/ HQs

1. Você já leu HQs em algum momento da sua vida?

() Sim () Não

02. Que tipo de HQs costuma ler? (Pode assinalar mais de uma categoria)

- () Drama\Terror
 () Fantasia\Fábulas
 () Ficção Científica
 () Super-herói
 () Informativa
 () Outros. Quais _____.

03. Acredita que alguns temas introduzidos nas HQs são compreendidos mais facilmente do que se fossem por livros apenas com linguagem verbal?

() Sim () Não () Ocasionalmente

04. Com base na sua relação com as HQs, você acha que elas te incentivam a refletir, ou mesmo incentivam você a ler?

() Sim () Não

05. Você acha que o leitor pode construir conhecimento por intermédio da leitura de HQs?

() Sim () Não () Ocasionalmente

06. Você acredita que as HQs podem auxiliar a compreensão leitora bem como favorecem na relação texto/leitor?

Sim Não Ocasionalmente

07. Quais os critérios que você utiliza para escolher as HQs no ato da leitura? (Pode assinalar mais de uma categoria)

- Gosto pessoal
 Tema
 Importância no mercado
 Formato físico e durabilidade
 Nenhuma das opções.

Por que? _____.

08. Conhece alguma biblioteca, ou mesmo algum espaço que utilize HQs as quais os leitores possam utilizar?

Sim Não

- ETAPA 2: Percepção dos discentes sobre a importância, uso e monitoramento da leitura.

RELAÇÃO: CONHECIMENTO PESSOAL E A LEITURA

09. Faço uma revisão, com frequência, das leituras realizadas no dia a dia.

nunca às vezes sempre

10. Eu percebo meus erros no ato da leitura, e utilizo essa tomada da consciência para melhorar ainda mais minha capacidade leitora.

nunca às vezes sempre

11. Busco encontrar formas de melhorar a minha leitura estabelecendo objetivos claros?

nunca às vezes sempre

12. Eu tento relaxar sempre que sinto insegurança ao realizar uma leitura e busco descobrir boas estratégias de leitura?

nunca às vezes sempre

13. Avalio meu processo de leitura e estabeleço objetivos para mim mesmo no ato da leitura?

nunca às vezes sempre

APÊNDICE B – COMUNICADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**COMUNICAÇÃO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**

A EMEIEF _____ comunica que o(a) aluno(a) _____ foi convidado(a) a participar das oficinas de leitura de Histórias em Quadrinhos, a fim de desenvolver as habilidades e as estratégias de leitura dos estudantes. Os encontros serão realizados no local _____.

Dia da semana	Horário

Observação: Caso ocorra alguma mudança de dia e/ou horário, essa alteração será comunicada antecipadamente aos pais e responsáveis.

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS**AUTORIZAÇÃO DE PAIS OU RESPONSÁVEIS**

À _____ EMEIEF

Eu, _____ (nome do responsável)

autorizo _____ o(a) aluno(a)

a participar das oficinas de leitura de Histórias em Quadrinhos, que acontecerão na _____, no(s) dia(s) _____.

Autorizo também a produção de imagens fotográficas e vídeos durante a participação dele(a) nas oficinas supracitadas, bem como a utilização das mesmas no trabalho de pesquisa de mestrado.

Presidente Kennedy, ____ de _____ de 2019

Assinatura do responsável (nome legível)

APÊNDICE D – MAPA DE EVENTOS

Eventos:

- 1 - Início dos trabalhos: Sondagem de conhecimentos prévios dos estudantes;
- 2 - Diálogos entre professora e estudantes para prosseguimento sobre leitura de HQs
- 3 - Tema em desenvolvimento sob orientação e condução da professora pesquisadora
- 4 - Desenvolvimento, inter-relação de conhecimentos e contextualização da aprendizagem;

Linha do tempo / horário: De 8:00 às 11:40'

Recursos e materiais:

- Sala da lousa muito bem organizada e equipada com quadro digital e projetor.
- Mobília para acomodação dos estudantes e aparelho de ar-condicionado e quadro branco.

Ação/diálogos da professora e estudantes das turmas A, B, C, D

- 1 - Professora, cumprimentando os estudantes na lousa digital;
- 2 - Estudantes receberam o material para a aula, se organizaram em sala;
- 3 - Professora transita entre as mesas interagindo com os estudantes;
- 4 - Os estudantes manuseiam as HQs, observam, discutem com os colegas, e alguns alunos socializam observações uns com os outros;

DISCUSSÃO SOBRE A IMAGEM I

5 - Quem é o personagem principal das tirinhas?

- | | |
|---------------------------|-------------------------|
| a) "A Mafalda e o globo". | b) "Mafalda". |
| c) "Mafalda e o globo". | d) "Mafalda e o globo". |

6 - A Mafalda tem uma reação diante do personagem doente na 1ª tirinha?

- | | |
|--------------|---|
| a) "Triste". | b) "Sim, porque ela parece estar triste". |
| c) "Triste". | d) "Triste". |

7 - Para você, porque o personagem ficou doente?

- a) "Porque o mundo está muito poluído".
- b) "Por causa da poluição".
- c) "Poluição".
- d) "Porque o mundo está sendo destruído pelos seres humanos".

8 - O que pode estar causando essa doença? É um simples problema?

- a) "Lixo, nós ficamos jogando lixo no chão, na rua".

- b) A poluição do homem. Não, é grave”.
- c) “Queimadas, corrupção e poluição”.
- d) “Poluição, guerras e tráfico. Não isso pode acabar com a raça humana”.

9 - Quem é esse doente?

- a) “O globo”.
- b) “O mundo”.
- c) “O globo”.
- d) “O mundo”.

10 - A doença do Planeta afeta somente a população?

- a) “Não”.
- b) “Não. Porque tem outros seres”.
- c) “Não, a natureza também”.
- d) “Não. A natureza também está sendo afetada”.

11 - Qual a reação da Mafalda com o doente? Ela está fazendo o que pelo doente?

- a) “Triste e ela está cuidando dele”.
- b) “Triste, cuidando do globo”.
- c) “Triste. Está cuidado dele”.
- d) “Preocupada. Cuidando dele”.

12 - Quais fatores podem ter causado a doença no personagem?

- a) “Lixo”.
- b) “Poluição e violência”.
- c) “Poluição e desmatamento”.
- d) “A falta de consciência do ser humanos, suas ações”.

13 - O que os seres humanos podem fazer em prol da recuperação do planeta?

- a) “Parar de jogar lixo no chão”.
- b) “Jogar papel no lixo”.
- c) “Parar de desmatar e poluir”.
- d) “Não jogar lixo em lugares públicos e nos rios”.

14 - Como proporcionar a cura ao doente?

- a) “Seis aninhos”.
- b) “Cuidando do planeta”.
- c) “Parar com o desmatamento”.
- d) “Poluindo menos o Planeta”.

15 - Para você, qual a idade de Mafalda?

- a) “Não”.
- b) “Tem 10 anos”.
- c) “Tem 6 anos”.
- d) “7 anos”.

16 - Qual é o ambiente inicial do texto?

- a) “A casa da Mafalda”.
- b) “No quarto”.
- c) “O quarto”.
- d) “A casa de Mafalda”.

17 - Qual é o ambiente do último quadrinho?

- a) “A sala de aula”.

- b) “No serviço, no trabalho”.
- c) “O escritório de trabalho do pai da Mafalda”.
- d) “O trabalho do seu pai”.

18 - O que transmite a expressão facial da Mafalda?

- a) “Tristeza”.
- b) “Está triste, preocupada”.
- c) “Preocupação”.
- d) “Tristeza e preocupação”.

19 - O que denota o fato do rosto está apoiado no braço?

- a) “Pensando no que ia fazer para ele ficar melhor”.
- b) “Ela está pensando o que fazer”.
- c) “Tristeza”.
- d) “Infelicidade”.

20 - A preocupação do pai é a mesma que a da Mafalda?

- a) “Não, porque ele não tá nem aí”.
- b) “Não. A Mafalda está preocupada”.
- c) “Não. Porque ele não tinha acreditado na Mafalda”.
- d) “Não, porque os adultos se preocupam mais com o trabalho do que com o mundo”.

21 - Geralmente, os adultos são mais preocupados. Por que então ocorre o contrário, a Mafalda que está preocupada?

- a) “Porque ela quer a melhora do nosso Planeta”.
- b) “Porque o pai está dando menos importância”.
- c) “Porque às vezes a criança vê a realidade primeiro”.
- d) “Porque desde pequena se aprende a cuidar do mundo”.

22 - O que denota a imagem do globo sobre a cama?

- a) Ele está muito doente”.
- b) “Que o planeta está doente e precisando de ajuda”.
- c) “Doente”.
- d) “Que ele está doente”.

23 - Comente a reação do pai da Mafalda no 3º quadrinho. Por que será que sua expressão não está mais alegre?

- a) “Porque ele viu um morador de rua”.
- b) “Porque ele viu um menino de rua e ele está muito triste”.
- c) “Porque ele percebeu que o mundo realmente precisa de ajuda”.
- d) “Porque ele viu uma criança nas ruas com fome e sem uma cama para dormir”.

24 - O que sugere a fato dele, o pai, está com a mão no queixo?

- a) “Preocupado com essa criança na rua”.
- b) “Pensando no que fazer para ajudar”.

- c) "Tristeza por não ter acreditado na filha".
- d) "Espanto".

25 - De acordo com o 4º quadrinho o pai da Mafalda conseguiu trabalhar?

- a) "Não, porque ele estava preocupado".
- b) "Não. Por causa que ele está muito preocupado".
- c) "Não, porque ele estava triste".
- d) "Não. Porque ele viu que ela estava certa sobre o mundo".

26 - Os colegas de trabalho demonstram ter entendido o que o pai de Mafalda falou?

- a) "Não, porque eles não sabem o que está acontecendo".
- b) "Sim. Porque não é só o pai de Mafalda que está triste, eles também estão".
- c) "Não pois eles ficaram surpresos".
- d) "Sim e também ficaram espantados".

27 - Não parece o pai da Mafalda contando para os colegas sobre o estado do doente, mas é possível supor, por quê?

- a) "Porque o amigo dele falou – O Mundo está o quê?".
- b) "Pela desobediência do ser humano, pela corrupção, poluição e violência".
- c) "Sim, pois ele deve ter contado antes".
- d) "Alguém avisou".

28 - Você prefere HQs coloridas ou nas cores preto e branco?

- a) "Coloridas".
- b) "Qualquer uma".
- c) "Coloridas são mais atraentes e fáceis de interpretar".
- d) "Preto e branco".

29 - Você entenderia a narração se não houvesse balão? Imagem transmitiria a mensagem com a mesma clareza?

- a) "Não".
- b) "Não. Porque vai ser difícil, porque vão ficar muitas palavras emboladas".
- c) "Não pois não iríamos saber a solução. Não pois não teria nada escrito".
- d) "Sim, mas seria mais complicado. Não porque seria difícil interpretar".

30 - Observe o que está com a criança no 3º quadrinho. Por que a criança está com esse jornal?

- a) "Porque ela é uma criança de rua".
- b) "Para talvez usar para forrar e dormir".
- c) "Para cobrir o corpo, por falta de roupas".
- d) "Usaria como lençol".

31 - Em quais veículos de comunicação podemos encontrar quadrinhos?

- a) "Vários tipos de revistas".
- b) "Jornais e revistas".

DISCUSSÃO SOBRE A IMAGEM III

38 - Quais são os três personagens da história?

- a) “A Mafalda o pai e o globo”.
- b) “Mafalda, o pai e o mundo”.
- c) “A Mafalda, o pai dela e o globo”.
- d) “Mafalda, seu pai o mundo”.

39 - No texto I parece uma criança com jornal, no texto III também. Ambos os personagens utilizam o jornal com o mesmo objetivo?

- a) “O pai tá usando para ler”.
- b) “Não, porque o menino está usando para se cobrir e o pai da Mafalda para leitura”.
- c) “Não, o pai da Mafalda usa para se informar, o garoto para se cobrir”.
- d) “Não, o menino usa o jornal para se cobrir, já o homem para ler”.

40 - A expressão facial da Mafalda se altera de uma cena para outra?

- a) “Sim”.
- b) “Sim, ela levou um susto achou que estava de cabeça para baixo”.
- c) “Sim, por achar que o mundo estava de cabeça para baixo”.
- d) “Sim, ela fica cada vez mais preocupada”.

41 - Que recurso foi usado no 4º quadrinho para explicar a colocação de Mafalda no 3º quadrinho?

- a) “Ela estava de cabeça para baixo”.
- b) “Inverte o quadro”.
- c) “A imagem de cabeça para baixo”.
- d) “O mundo de cabeça para baixo”.

42 - O pai percebe a inquietação da Mafalda sobre às dúvidas que ela tem sobre “gravidade” e conceito?

- a) “Sim, porque ele vai levantar e deixará de ler o jornal para explicar para ela”.
- b) “Sim, porque ele levantou e foi explicar para ele”.
- c) “Sim, pois ele viu a expressão facial dela”.
- d) “Não, porque ele está lendo jornal”.

APÊNDICE F – CARTILHA PARADIDÁTICA COM OFICINAS DE LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continua)

CARTILHA PARADIDÁTICA COM OFICINAS DE LEITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II



POR FÁBIA FAGUNDES PACHECO

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

[...] ler é adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com seus contextos e o nosso contexto. O contexto do escritor e do leitor. Ao ler eu preciso estar informando-me do contexto social, político, ideológico e histórico do autor. Eu tenho de situar o autor num determinado tempo [...] Quando eu leio um autor eu preciso ir me inteirando do contexto dele, em que aquele texto se constituiu. Mas agora eu preciso também de um outro esforço: de como relacionar o texto com o meu contexto. O meu contexto histórico, social, político, não é o do autor. O que preciso é ler para esta relação entre o texto do autor e o contexto do leitor (FREIRE, 1982, p. 4-5)

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

FUTEBOL

Ziraldo (O Menino Maluquinho)



O menino maluquinho jogava futebol. E toda a turma ficava esperando ele chegar para começar o jogo.

É que o time era cheio de craques e ninguém queria ficar no gol. Só o menino maluquinho, que dizia sempre:

- Deixa comigo!

E ia rindo para o gol para o jogo começar.

E o menino maluquinho

Veava na bola

E caía de lado e caía de frente

E caía de pernas para o ar

E caía de bunda no chão

E dançava no espaço

Com a bola nas mãos.

E a torcida ria e gostava de ver a alegria daquele goleiro.

E todos diziam:

- Que menino maluquinho!

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

SUMÁRIO

1 Justificativa	04
2 Introdução do gênero Histórias em Quadrinhos	06
3 Objetivos	07
4 Oficina I – Aplicação de questionário e socialização entre os alunos	08
5 Oficina II – Apresentação de algumas HQs e interpretação oral	09
6 Oficina III – Pesquisa sobre HQs em site	10
7 Oficina IV – Leitura da cartilha: Lixo Quem se lixa?	11
8 Oficina V – Leitura da cartilha: Gibi da saúde? Guarda responsável de animais	12
9 Oficina VI – No terreno da fantasia	13
10 Oficina VII – Nosso planeta: o mundo está o que?	15
11 Considerações	19
12 Referências	20

Oficinas de Histórias em Quadrinhos para o Ensino Fundamental II

JUSTIFICATIVA

A ideia inicial é usar o contexto das HQs para despertar a curiosidade do aluno. A partir dessa primeira leitura, aprofundar suas possibilidades de leitura e, por consequência, despertar o interesse dele pela leitura de um modo geral, pois o quadrinho, para ser entendido, precisa de conhecimento de mundo.

É importante ressaltar que o quadrinho é um gênero multimodal (texto/imagem) que está bastante presente nas mídias e suportes variados (revista, televisão, internet etc) frequentados pelos adolescentes.

As Histórias em Quadrinhos (HQs) apresentam um caráter empoderado enquanto gênero que suscita no leitor o uso de inúmeras estratégias de leitura. Por se tratar de um texto que apresenta o texto escrito, imagens e as lacunas para que o leitor faça inferências, muito contribuem para o desenvolvimento da capacidade leitora.

Esta proposta é composta por oito oficinas que poderão ser desenvolvidas durante as aulas de Língua Portuguesa. Serão apresentadas várias HQs que poderão ser apresentadas aos alunos para uma familiarização com o gênero. Por meio do contato com as HQs os alunos perceberão o humor, a criticidade nas explicações e nas interpretações.

Com a aplicação das oficinas, caberá ao professor analisar se houve mudança, compreensão e interesse no que se refere à leitura, se os alunos entenderam que o quadrinho está relacionado a um fato social.

O professor terá essas e outras informações a partir das anotações que fizer no decorrer de cada aula, das observações que relatar do desempenho e interesse dos alunos, o que possibilitará rever alguma atividade em que não houve assimilação satisfatória para prosseguir.

A experiência de professores e pesquisas diversas no campo da Educação – como, por exemplo, o resultado do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) – mostram que a escola ainda se vê diante de dois imensos problemas: a falta de interesse do aluno pela leitura e a ausência de estratégias de leitura para suprir essa grave lacuna. Esta, por sua vez, compromete o processo de

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

5

ensino-aprendizagem não só em Língua Portuguesa, mas também em todas as outras disciplinas, pois alguns alunos leem, contudo, somente o que é do interesse deles.

Trabalhar o gênero textual “quadrinhos” é um desafio porque a interpretação deste é interdisciplinar. São histórias que envolvem vários temas como política, meio-ambiente, violência, esporte e outras situações sociais que estão em destaque nas mídias. São temas abordados com a finalidade crítica a partir dos quadrinhos.

Figura 1 - Produção de Histórias em Quadrinhos



Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2019).

INTRODUÇÃO DO GÊNERO

Para o renomado quadrinista americano Will Eisner (2006, p. 13) as HQs são veículos com um potencial expresso a partir de dois dispositivos: palavras e imagens.

As histórias em quadrinhos são lidas com dois importantes dispositivos de comunicação, palavras e imagens. [...] Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo.

A História em Quadrinhos, além de seduzir o leitor, é responsável pelo contexto enunciativo, prima por desafiá-los, até porque tem por objetivo inicial a inter-relação natural na narrativa, na qual os personagens dialogam entre si e com o contexto socioreal, por meio de palavras, expressões faciais e corporais além de convidar o leitor para preencher as lacunas que o texto oferece (POSTEMA, 2018).

OBJETIVOS

Com essas oficinas, pretende-se que o aluno possa:

1. Ler Histórias em Quadrinhos e ser capaz de apreciá-las criticamente;
2. Perceber quais são os principais elementos das Histórias em Quadrinhos;
3. Mostrar aos alunos a quantidade e variedade de HQs;
4. Oportunizar aos discentes a leitura de vários assuntos por meio das HQs;
5. Conhecer alguns autores de quadrinhos;
6. Pesquisar quadrinhos com os mais variados temas.
7. Ler e apreciar a história narrada, atendo-se ao que as imagens transmitem de informações subtendidas;
8. Observar as lacunas deixadas no contexto das HQs para poder inferir, bem como criar conectividade e sentido a narração;
9. Acionar estratégias de leitura e ações reguladoras para reavaliar a leitura produzida;
10. Abordar conhecimento e experiências prévias, prever, formular perguntas. A partir do título, inicialmente, e depois dos subtítulos e ilustrações;

A IMPORTÂNCIA DE PARTICIPAR DAS OFICINAS

Por meio das oficinas poderão alcançar um nível de leitura mais aguçado, além de aprimorar o uso de estratégias de leitura e a postura - leitor frente às lacunas que o texto oferece intencionalmente – para, assim, o leitor interagir e inferir como parte atuante, agente, um ~~super leitor~~.



OFICINA I – Aplicação de questionário e socialização entre os alunos

Na oficina inicial deverá ocorrer a apresentação da proposta que será desenvolvido nas próximas aulas, explicando que a finalidade é trabalhar a leitura, utilizando o gênero textual Histórias em Quadrinhos, frequentemente, presente em jornais, revistas, televisão e outros meios.

Deverá ser explicado aos alunos o objetivo com o trabalho de leitura em quadrinhos. Para iniciar os trabalhos, cada aluno responderá a um questionário impresso.

Por meio desta atividade será possível conhecer os gostos e o interesse de cada um por leitura e sobre as HQs. Os mesmos responderão e, em seguida, através de uma mesa redonda, as respostas serão comentadas para haver socialização.

Questionário

- 1) Para você, qual a importância da leitura na vida de uma pessoa?
- 2) Você gosta de ler? Se não gosta escreva por quê.
- 3) O que você lê?
- 4) Como você tem acesso a livros e a textos variados?
- 5) Qual texto ou livro de que mais gostou de ler?
- 6) O que é humor para você? O humor pode gerar oportunidade de aprendizagem?
- 7) Que tipo de texto traz uma situação de humor?
- 8) Você sabe o que é HQ?
- 9) Você gosta de ler textos de humor em formato de Histórias em Quadrinhos?
- 10) Onde podemos encontrar uma HQ?
- 11) Você sempre compreende os sentidos de uma HQ?
- 12) Você entende as HQs como um tipo de leitura? Explique.
- 13) Em sua opinião, é possível fazer a leitura de uma imagem?

OFICINA II – Apresentação de algumas HQs e interpretação oral

Depois de apresentadas algumas HQs, será feita a interpretação oral delas com os alunos, para que eles conheçam a definição de HQs e suas características e também a definição de quadrinhos e arte sequencial. Os alunos deverão utilizar os cadernos deles para anotar.

As HQs são narrativas compostas por imagens e palavras. Segundo o americano Will Eisner é a arte sequencial. No Brasil as revistas em quadrinhos são denominadas gibis, são narrativas gráficas. As HQs tornaram-se um texto popular nos séculos XX e XXI e passou a ser adaptado para cinema e para outros gêneros textuais, tornando-se um texto multimodal.

Característica da HQ: É um gênero quadro a quadro que elucida um contexto com imagens e palavras, às vezes só com imagens. Pode aguçar o senso crítico em torno da realidade cotidiana que estão na mídia. A imagem nem sempre é uma caricatura, depende do contexto que ela engloba, do propósito que se tem ao publicar e qual leitura o leitor será capaz de inferir, ou seja, dependerá da experiência leitora de cada um.

OFICINA III – Pesquisa sobre HQs na Internet

Nessa atividade, a aula será oferecida na sala de informática da escola. Normalmente alguns alunos não têm contato com material impresso dos quadrinhos, além dos que estão anexados ao livro didático, e o contato com o computador é mais difícil, pois a maioria não possui o mesmo. Por isso, o professor precisará agendar data e horário para a turma no laboratório de informática, para os alunos acessarem sites, pesquisar HQs, ler os comentários, visualizar textos e imagens.

O professor fornecerá o endereço e, em um primeiro momento, eles poderão somente visualizar, com a finalidade de conhecerem, verem a quantidade de HQs, se familiarizarem com a internet. Depois desse tempo, o professor orientará para que pesquisem e leiam HQs com comentários para que, entendam o motivo que levou o cartunista a produzir os quadrinhos.

Espera-se que, com essa pesquisa, os alunos percebam que as HQs não são imagens soltas sem contexto situacional, elas representam contextos que se apresentam no universo social do leitor.

A partir da atividade proposta, os alunos também poderão pesquisar por temas como: HQs sobre saúde, meio ambiente, esporte, política etc.

Endereços para pesquisa:

- Gibi da Turma da Mônica jovem on-line

<https://pt.slideshare.net/JuuuhSouza/tmj-02-turma-da-monica-jovem-edio-02>

- Quadrindex: Menino Maluquinho

<http://www.mundohq.com.br/historias-em-quadrinhos/publicacao/81/maluquinho.html>

- O Museu Comic Digital

<https://digitalcomicmuseum.com/index.php>

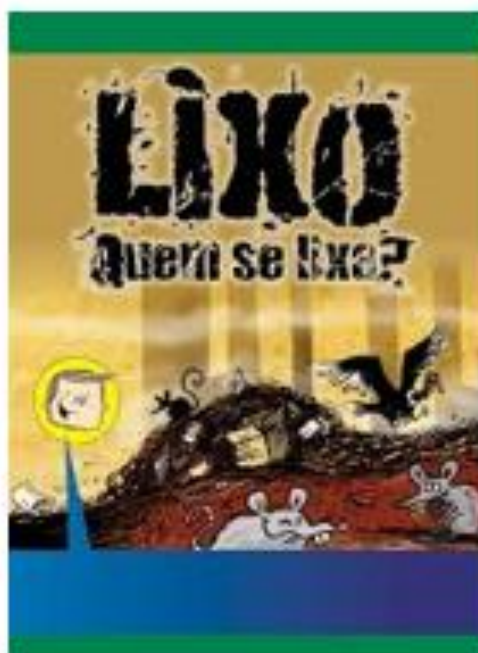
Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

11

OFICINA IV - Leitura da cartilha: Lixo Quem se lixa?

A leitura deve ser realizada no laboratório de informática. Os alunos acessarão o site no qual a revista está disponível e realizarão a leitura. Em seguida, farão uma releitura. Na sequência haverá o momento de discussão sobre o tema. Para impulsionar e propagar os cuidados com o lixo, os alunos produzirão uma campanha no formato audiovisual para enviar em grupos de conversa (whatsapp) aos familiares deles, visando conscientizar a família sobre a necessidade de cuidar do lixo a partir de uma ótica sustentável.



- Endereço disponível para a realização da pesquisa:

file:///C:/Users/pc/Documents/Cartilha%20Lixo%20quem%20se%20lixa%20-2%20(1).pdf

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

12

OFICINA V - Leitura da cartilha: Gibi da saúde? Guarda responsável de animais

A leitura será no laboratório de informática. Os alunos acessarão o site no qual a revista está disponível e realizarão a leitura. Em seguida, farão uma releitura, e na sequência haverá o momento de discussão sobre o tema. Dessa forma, será possível impulsionar e propagar os cuidados com a saúde dos animais.

Os alunos produzirão uma obra artística no formato de grafite no muro da escola. Isso deve ocorrer em local estratégico para ser apreciado e aguçar a reflexão diante das ações humanas, visando conscientizar a família sobre a necessidade de cuidar dos animais, respeitando e fazendo valer seus direitos previstos em lei, bem como a relação afetiva entre homens e os animais.



- Endereço disponível para a realização da pesquisa:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/gibi_da_saude_ano1_n1.pdf

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

13

OFICINA VI – No terreno da fantasia

Para a realização desta oficina, sugere-se que as atividades sejam divididas e realizadas em duas etapas.



Fonte: Peter Pan - Adaptação de Denise Ortega da obra de Monteiro Lobato (2018).

- 1ª ETAPA:

Algumas questões que podem nortear a conversa e a leitura a seguir:

- Qual é o tema abordado nesse livro? A capa do livro te transmite uma mensagem?
- Qual? A composição da capa da obra é rica em detalhes visualmente?
- Quais os personagens fazem parte da narrativa?
- A história se relaciona com alguma situação que vocês vivenciaram ou vivenciam?
- Qual fator pode ser marcante nessa história?
- Para você: Por que ler quadrinhos é uma tarefa prazerosa? O que significa HQ?
- Quais as suas HQs preferidas?
- Qual é sua HQ preferida, personagem ou história?

Para saber mais

De acordo com Roberto Elísio do Santos em *Aplicação da História em Quadrinhos* (2001, p. 69):

"[...] a linguagem característica dos quadrinhos e os elementos de sua semântica, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união de texto e desenho consegue tornar mais claros, para a criança, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra".

Produção de Quadrinhos



Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa (2019).

- 2ª ETAPA:

Em classe, reunidos em pequenos grupos, os alunos farão a leitura do texto: *Peter Pan* – uma adaptação de Denise Ortega da obra de Monteiro Lobato (2018).

TRABALHANDO COM A INFERÊNCIA E A PARTICIPAÇÃO

Após a leitura haverá um estudo dirigido com a participação de todos por meio de inferências:

- O que mais chamou sua atenção no texto?
- Qual a percepção dos alunos enquanto leitores sobre a HQs?
- O que será que este título quer abordar?
- O que acontecerá girará entre Peter Pan e a Turma do Sítio do Pica Pau Amarelo?
- Todos conhecem as aventuras de Peter Pan? E as aventuras dos personagens do Sítio?

OFICINA VII - Nosso planeta: o mundo está o que?**1ª ETAPA**

- Discussão sobre o planeta Terra.

Nosso planeta

A Terra é a nossa casa, precisamos cuidar e proteger o planeta. Devemos contribuir para o equilíbrio ambiental e para o combate ao aquecimento global. Como ajudar?

2ª ETAPA

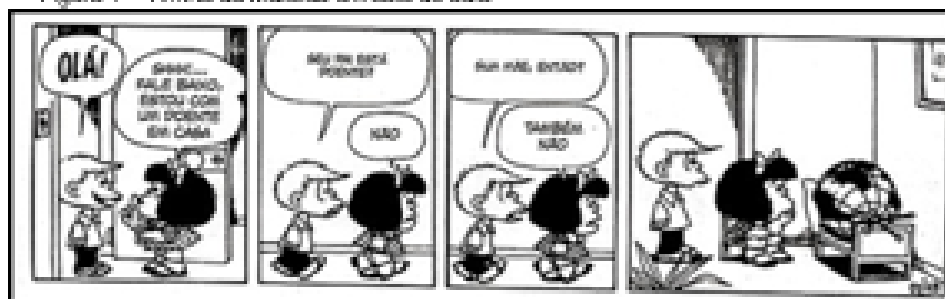
Apresentação das tirinhas da Mafalda para interpretação e interação; essa atividade será desenvolvida na lousa digital:

- 1 - Diálogos entre professora e estudantes para prosseguimento sobre leitura de HQs;
- 2 - Tema em desenvolvimento sob orientação e condução da professora pesquisadora, inter-relação de conhecimentos e contextualização da aprendizagem;
- 3 - Os estudantes visualizam as HQs, discutem com os colegas e socializam observações uns com os outros;

Imagens e perguntas que serão utilizadas para esta oficina:

- FIGURA 1:

Figura 1 – Tirinha da Mafalda em sala de aula



Fonte: Quino (2010). Do Universo dos Quadrinhos a Sala de Aula: Mafalda À Aula de História – Com Mafalda em sala de aula. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-e-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS RELACIONADAS À FIGURA 1:

- Quais são os personagens da história?
- Qual o ambiente? Em qual local se sucede a história?
- Ocorre alteração na expressão do amigo da Mafalda?
- Por que a Mafalda pediu silêncio no primeiro quadrinho?
- Quem é o doente?
- Qual é o ponto comum nos dois textos, I e II?

- FIGURA 2:

Figura 2 – Quadrinhos da Mafalda em sala de aula



Fonte: Quino (2010). Do universo dos quadrinhos à sala de aula: Mafalda à aula de História – **Com Mafalda em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS RELACIONADAS À FIGURA 2:

- Quem é o personagem principal das tirinhas?

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

17

- A Mafalda tem uma reação diante do personagem doente na primeira tirinha?
- Para você, porque o personagem ficou doente?
- O que pode estar causando essa doença? É um simples problema?
- Quem é esse doente?
- A doença do planeta afeta somente a população?
- Qual a reação da Mafalda com o doente? Ela está fazendo o que pelo doente?
- Quais fatores podem ter causado a doença no personagem?
- O que os seres humanos podem fazer em prol da recuperação do planeta?
- Como proporcionar a cura ao doente?
- Para você, qual a idade de Mafalda?
- Qual é o ambiente inicial do texto?
- Qual é o ambiente do último quadrinho?
- O que transmite a expressão facial da Mafalda?
- O que denota o fato do rosto está apoiado no braço?
- A preocupação do pai é a mesma da Mafalda é a mesma?
- Geralmente, os adultos são mais preocupados. Por que então ocorre o contrário, a Mafalda que está preocupada?
- O que denota a imagem do globo sobre a cama?
- Comente a reação do pai da Mafalda no terceiro quadrinho. Por que será que sua expressão não está mais alegre?
- O que sugere o fato de ele, o pai, estar com a mão no queixo?
- De acordo com o 4º quadrinho o pai da Mafalda conseguiu trabalhar?
- Os colegas de trabalho demonstram ter entendido o que o pai da Mafalda falou?
- Não aparece o pai da Mafalda contando para os colegas sobre o estado do doente, mas é possível supor. Por quê?

Apêndice F – Cartilha paradidática com oficinas de leitura de histórias em quadrinhos para turmas do Ensino Fundamental II

(continuação)

18

- Você prefere HQs coloridas ou nas cores preto e branco?
- Você entenderia a narração se não houvesse balão? A imagem transmitiria a mensagem com a mesma clareza?
- Observe o que está com a criança no terceiro quadrinho. Por que a criança está com esse jornal?
- Em quais veículos de comunicação podemos encontrar quadrinhos?
- A história se sucede na zona rural ou urbana?

- FIGURA 3:

Figura 3 – Tira de quadrinhos do livro *Toda Mafalda*



Fonte: Quino (2003, p. 104, tira 4). *Globo: um modelo reduzido – Toda Mafalda*. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/web/y/up/80/o/As_tiras_da_Mafalda_-_1%27%AA_Parte.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS RELACIONADAS À FIGURA 3:

- Quais são os três personagens da história?
- A expressão facial da Mafalda se altera de uma cena para outra?
- Porque será que a Mafalda está conversando com o ursinho e não com um ser humano?
- O que é possível entender da fala da Mafalda no segundo quadrinho?
- Por que no terceiro quadrinho a Mafalda faz referência ao mundo e diz que: "O original é um desastre!"?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao processo de ensino da leitura, o aluno consegue aprimorá-lo empregando estratégias e realizando autoavaliação da compreensão leitora. Seja de forma consciente ou inconsciente, o leitor aciona estratégias e métodos; procedimentos quando bem executados auxiliam no entendimento textual. Um procedimento que: “[...] com frequência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade, é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isto é, dirigidas à consecução de uma meta” (SOLE, 1998, p. 88). A partir dessa colocação, pode-se entender que o leitor vive uma “metamorfose” constante no campo da leitura.

Segundo Menegassi (1992) o leitor aprende por meio de instruções e observações, ou seja, de posse de técnicas; que para o autor são “procedimentos de ação”. De posse de técnica ou ação criadora espontânea o leitor:

[...] cria ou adapta estratégias de leitura a partir dos conhecimentos adquiridos com aquelas; também é capaz de criar estratégias espontâneas que o tempo e a maturação na leitura proporcionam, sendo um fato que ocorre tanto com o bom quanto com o mau leitor (MENEGASSI, 1992, p. 159).

Desenvolver estratégias de leitura é fundamental, pois só se constitui leitor, aquele que adquire competência para executar a leitura com uma ótica aguçada. Alcançar um nível de letramento é necessário para se viver em sociedade na condição de cidadão crítico, consciente e capaz de intervir nas problemáticas do cotidiano.

Para alcançar um resultado positivo no ensino da leitura, é fundamental criar momentos de aprendizagem, por isso o trabalho com oficinas de leitura em sala de aula se torna atrativo quando parte dos textos que aliam imagem, palavras e contexto Eisner (2001).

Por isso, o professor precisa realizar aulas de leitura instigadoras, pois um saber proficiente depende da atitude do leitor, do tipo de texto, de seu conteúdo, de sua linguagem; e o professor precisa estar preparado para contribuir para a formação do leitor letrado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 21.

BARROS, Anderson Iury Nunes; CASTRO, Camila Porto de; GUIMARÃES, Lucas José. *As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinhos*. Material extraído de quadrinhos do livro *Toda Mafalda*. Projeto de pesquisa selecionado pelo Programa bolsas de licenciatura da Universidade Federal de Goiás – Prolicen – UFG (2010/2011/2012). Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/80/o/As_tiras_da_Mafalda_-_1%C2%AA_Parte.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 9ª. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CARVALHO, Leandro. *História em quadrinhos como incentivo à leitura*.

CIRNE, Moacyr. *A linguagem dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DJOTA, Dario Carvalho. *A educação está no gibi*. Campinas: Papirus, 2008.

EISNER, Will. *Quadrinho e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

QUINO, Joaquín Salvador Lavado. *Com Mafalda em sala de aula*. Do universo dos quadrinhos à sala de aula: Mafalda à aula de História. 2010. Disponível em: <<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/do-universo-dos-quadrinhos-a-sala-de-aula-mafalda-a-aula-de-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DE PRESIDENTE KENNEDY



PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Secretaria Municipal de Educação
Presidente Kennedy - ES
Tel.: 28 - 3535 - 1954

Eu, **FÁTIMA AGRIZZI CECCON**, Secretária Municipal de Educação de Presidente Kennedy, autorizo a pesquisadora **FÁBIA FAGUNDES PACHECO**, aluna do curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, realizar sua pesquisa de estudo do trabalho de dissertação na EMEIEF de Jaqueira "Bery Barreto de Araujo", nas turmas de 7º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Estou ciente de que a pesquisa será realizada para cumprimento de exigência da conclusão do curso.

A pesquisadora, após defesa da dissertação fica a incumbência de entregar na Secretaria Municipal de Educação de Presidente Kennedy uma cópia do seu trabalho de pesquisa aprovado pela instituição.

Presidente Kennedy/ES, 10 de outubro de 2019.



SERVENTIA REGISTRAL CIVIL E TABELIONATO DE NOTAS DE PRESIDENTE KENNEDY - ESPÍRITO SANTO

AUTENTICAÇÃO: 1 (uma) face(s) frente. Certifico que esta fotocópia é reprodução fiel do original e autêntica nos termos do art. 7.V da Lei 8936/94. Presidente Kennedy/ES, 10 de outubro de 2019-13:54:17. Usuário: PAULA

PAULA BAHIENSE BAVERL - Escrevente Autorizada.
Selo: 022103.FON1907.00885. Consulte autenticidade em www.tjes.jus.br
Emolumentos: R\$ 2,96 Taxas: R\$ 0,90 Total: R\$ 3,86




Secretária Municipal de Educação
Fátima Agrizzi Ceccon
Decreto Nº 189/2019

Fátima Agrizzi Ceccon
Secretaria Municipal de Educação
Decreto nº 189/2019

RUA ÁTILA VIVACQUA, N.º 79- CENTRO - PRESIDENTE KENNEDY- ESPÍRITO SANTO
CEP 29.350-000 - FONE (28) 3535-1954

Antes de iniciar esta pesquisa a autora precisou pedir a autorização da representante pública da Secretaria Municipal de Educação, Fátima Agrizzi Ceccon, que é a pessoa que responde pela EMEIEF de Jaqueira Bery Barreto de Araújo”, de Presidente Kennedy.

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA DA EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

	PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY RUA ATILA VIVACQUA, 79 - CENTRO - PRESIDENTE KENNEDY - ES - 29350-000 - (28)35351383	EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY BARRETO DE ARAÚJO" JAQUEIRA, S/Nº - CENTRO - PRESIDENTE KENNEDY - ES - 29350-000 - (28)35353033 - epjjaqueira@hotmail.com
---	--	---

Nome da Escola: EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY BARRETO DE ARAÚJO"	Telefone: (28)35353033
Endereço: RUA PROJETADA - JAQUEIRA - PRESIDENTE KENNEDY - ES	Data:
Email: epjjaqueira@hotmail.com	Data:
Ato de Criação:	
Ato de Aprovação:	


Presidente Kennedy, 07 de outubro de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY
 EMEIEF DE JAQUEIRA "BERY BARRETO DE ARAÚJO"
 ATO DE CRIAÇÃO PORT N° 2762 ED. INFANTIL (PRÉ ESCOLA)
 ATO DE APROVAÇÃO RES. DO C.E.E. N° 4175 DE 26/11/75 1º AO 5º
 ATO DE APROVAÇÃO RES. DO C.E.E. N° 2783 DE 09/05/66 6º AO 9º

AUTORIZAÇÃO,

Eu, **Fabiula de Carvalho Barreto**, Diretora da EMEIEF de Jaqueira "Bery Barreto de Araújo" autorizo a realização de pesquisa de estudo com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado, a ser conduzido pela pesquisadora **Fábia Fagundes Pacheco**, da Faculdade Vale do Cricaré, curso de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação.

Declaro também, que fui informada pela responsável do estudo sobre o objetivo da pesquisa que serão realizadas na instituição de ensino a qual represento. Estou ciente de que a pesquisa será realizada para cumprimento de exigência da conclusão do curso.



FABIULA DE CARVALHO BARRETO
Fabiula de Carvalho Barreto
 DIRETORA ESCOLAR
 DECRET. Nº 0023/2019
 DIRETORA ESCOLAR
 DECRETO Nº 0054/2019

Rua projetada s/n Jaqueira – Presidente Kennedy – ES
CEP: 29350-000 Tel: (28) 3535 - 3033

Para dar seguimento na realização desta pesquisa de mestrado também foi necessária a autorização da atual diretora, Fabiula de Carvalho Barreto, responsável pela EMEIEF de Jaqueira "Bery Barreto de Araújo".